

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DEFESA
AGROPECUÁRIA

RACHEL DA SILVA BATISTA

PERFIL ZOOSANITÁRIO DA AVICULTURA DE SUBSISTÊNCIA EM
MURITIBA, NO RECÔNCAVO BAIANO

CRUZ DAS ALMAS – BAHIA
MAIO – 2025

RACHEL DA SILVA BATISTA

**PERFIL ZOOSANITÁRIO DA AVICULTURA DE SUBSISTÊNCIA EM
MURITIBA, NO RECÔNCAVO BAIANO**

Bacharel em Medicina Veterinária

Universidade Federal da Bahia, 2017

Dissertação apresentada ao Colegiado do
Programa de Pós-Graduação em Defesa
Agropecuária da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Defesa
Agropecuária na Área de Ciências Agrárias.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Karina da Silva Cavalcante

**CRUZ DAS ALMAS – BAHIA
MAIO – 2025**

FICHA CATALOGRÁFICA

B333p	Batista, Rachel da Silva. Perfil zoosanitário da avicultura de subsistência em Muritiba, no Recôncavo Baiano / Rachel da Silva Batista. _ Cruz das Almas, Bahia, 2025. 59f.; il. Orientadora: Profª Drª Ana Karina da Silva Cavalcante Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Mestrado Profissional em Defesa Agropecuária. 1.Aves - Criação. 2Agricultura Familiar 3. Desenvolvimento Rural I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. II.Título. CDD: 636.5
-------	---

Ficha elaborada pela Biblioteca Central - UFRB.

Responsável pela Elaboração - Neubler Nilo Ribeiro da Cunha (*Bibliotecário - CRB5/1578*)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

FOLHA DE APROVAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM DEFESA
AGROPECUÁRIA**

**PERFIL ZOOSANITÁRIO DA AVICULTURA DE SUBSISTÊNCIA EM MURITIBA,
NO RECÔNCAVO BAIANO**

Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado de Rachel da Silva Batista

Aprovado em: 19 de maio de 2025

Profa. Dra. Ana Karina da Silva Cavalcante
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO MENDES DA SILVA**
Data: 10/07/2025 14:20:26-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo Mendes da Silva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **LIA MUNIZ BARRETTO FERNANDES**
Data: 03/07/2025 19:57:37-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Lia Muniz Barretto Fernandes
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas benções.

Aos meus pais e aos familiares que me apoiaram e incentivaram integralmente.

À Profa. Dra. Ana Karina pela receptividade e oportunidade dada. Agradeço o inestimável apoio e orientação nesse mestrado.

A todos que compartilharam, torceram ou apoiaram essa caminhada acadêmica.

À UFRB/CCAAB pela oportunidade e espaço acadêmico. Ao Instituto AGROVIDA pela parceria a campo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela bolsa concedida, oportunizando o mestrado.

EPÍGRAFE

“... é essencial compreender como as pessoas percebem sua própria situação e o ambiente em que vivem.”

(FAO, 2010, tradução própria)

BATISTA, Rachel da Silva, PERFIL ZOOSANITÁRIO DA AVICULTURA DE SUBSISTÊNCIA EM MURITIBA, NO RECÔNCAVO BAIANO.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas – BA, 2025.

Orientador: Profa. Dra. Ana Karina da Silva Cavalcante

RESUMO

Para a população rural, o cultivo agrícola e a criação animal visam segurança alimentar, renda e capital social. Nesse cenário, a criação de galinhas (*Gallus gallus domesticus*) se mantém como importante atividade socioeconômica. Contudo, a atividade enfrenta constantes desafios, como deficiências no manejo sanitário e falta de assistência técnica, fatores limitantes na prevenção e controle de doenças. Assim, o trabalho teve como objetivo caracterizar a criação de galinhas de subsistência no município de Muritiba, no Recôncavo Baiano, Bahia. Os dados foram obtidos através de entrevista com base em questionário e observação (*in loco*). As mulheres representaram 83% dos participantes. Sobre o tempo da atividade, 83% dos respondentes criam aves a pelo menos 10 anos. Quanto a finalidade, 42% têm a finalidade de consumo e 58% consumo e venda. Quanto ao número de animais, 58% dos criadores têm até 20 aves. O sistema de criação mais adotado é o misto, 58%. Os criadores em sua totalidade afirmaram ter mais de uma fonte de alimentação para as aves. Quanto as instalações, 67% dos criadores utilizavam algum utensílio como comedouro, e 100% utilizavam algum utensílio como bebedouro. Sobre galinheiros, 67% dos criadores declararam ter galinheiros para as aves. Sobre a ocorrência de doenças, 100% dos criadores afirmaram ter tido ou ter casos de aves doentes na criação. A respeito do tratamento de aves doentes, 92% afirmaram utilizar medicamentos (sintéticos). Sobre a fontes de orientação, 92% dos respondentes mencionaram as lojas agropecuárias. Dentre os respondentes, 83% afirmaram não adotar vacinação na criação, e 75% afirmaram adotar a prática de vermifugação. Sobre apoio técnico, 100% dos criadores afirmaram nunca terem possuído assistência técnica voltada para a criação de aves. Conclui-se que a atividade de criar galinhas é tradicionalmente praticada por famílias da agricultura familiar. Nos pequenos criatórios as práticas de manejo sanitário não são adotadas e promovidas amplamente, vide a baixa aplicação de vacinação, instalações impróprias e manejo de aves doentes de forma inadequada, expondo as aves a doenças. Espera-se que os resultados auxiliem no suporte técnico para pequenos produtores, podendo incrementar a produtividade, diversificando a renda familiar e por conseguinte promovam a coparticipação destes em ações de saúde animal.

Palavras-Chave: agricultura familiar; defesa agropecuária; desenvolvimento rural; galinha de quintal.

BATISTA, Rachel da Silva, ZOOSANITARY CONDITIONS OF BACKYARD POULTRY IN MURITIBA CITY, IN RECÔNCAVO BAIANO.

Federal University of Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas – BA, 2025.

Advisor: Dr. Ana Karina da Silva Cavalcante

ABSTRACT

For the rural population, agricultural cultivation and animal raising aims at food security, income and social capital. In this scenario, raising backyard poultry (*Gallus gallus domesticus*) remains an important socio-economic activity. However, backyard poultry farming faces constant challenges, such as deficiencies in sanitary management and lack of rural technical assistance, limiting factors for the prevention and control of diseases. The objective of this study was to characterize the backyard poultry farming in the municipality of Muritiba, in Recôncavo Baiano, Bahia. Data was collected through interviews based on a questionnaire and field observation (*in loco*). Women represented 83% of participants. Regarding the time spent on the activity, 80% of the respondents have been raising backyard chicken for at least 10 years. As for the purpose of the activity, 42% are for consumption and 58% for both consumption and sale. Regarding the flock size, 58% of respondents have up to 20 birds. The mixed rearing system is the most common, 58%. All the participants declared they used multiple feed sources for the birds. In relation to the facilities, 67% used some utensil as a feeder and 100% used some utensil as a waterer. Regarding shelters, 67% declared that they had shelter for the birds. Concerning the occurrence of diseases, 100% of the respondents confirmed they had or have sick birds in their rearing. Regarding the treatment of sick birds, 92% stated they use (synthetic) medications. Concerning sources of information, 92% mentioned local agricultural stores. Among all respondents, 83% did not practice vaccination of their birds, and 75% confirmed doing deworming. Regarding technical assistance, 100% stated they had never received technical assistance related to poultry rearing. It is concluded that backyard poultry farming is traditionally practiced by family farmers. In the backyard poultry farming the health management practices are not extensively adopted and promoted, as evidenced by the poor vaccination adoption, inadequate facilities and inadequate management of sick birds, exposing the birds to diseases. It is expected that the results of this study may help improve technical assistance for small farmers, which might increase productivity, diversify family income sources and promote their co-participation in animal health initiatives.

Keywords: family farming; agricultural defense; rural development; backyard chickens.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 – Municípios que compõem o Território de Identidade Recôncavo, com destaque no município de Muritiba, Bahia	31
Figura 2 – Diversidade de produtos cultivados nas propriedades pelos respondentes	35
Figura 3 – Sistema de criação adotado pelos criadores respondentes	38
Figura 4 – Instalações quanto ao uso de utensílios e abrigo	40
Figura 5 – Quanto a adoção de vermifugação e vacinação	43
Figura 6 – Meios de descarte de carcaça das aves nas criações	45

LISTA DE QUADROS E TABELAS

	Página
Tabela 1 – Principais estados produtores por efetivo de galináceos e produção de ovos de galinha do Brasil, 2023	17
Tabela 2 – Comparativo 2022-2023 do efetivo de galináceos (total) e a variação percentual, dos municípios Castro Alves, Muritiba e Sapeaçu	20
Tabela 3 – Características dos agricultores respondentes	34
Tabela 4 – Tempo de atividade da criação de aves, finalidade e importância na renda	36
Tabela 5 – Número de aves da criação, satisfação quanto a peso e postura de ovos e aquisição de carne de frango/ovos de galinhas de mercados	37
Tabela 6 – Ocorrência de doenças, frequência e prática de separação de aves doentes	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal

ADAB – Agência de Defesa Agropecuária da Bahia

AGROVIDA – Movimento de Apoio a Agricultura Familiar

DNC – Doença de Newcastle

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IA – Influenza Aviária

IAAP – Influenza Aviária de Alta Patogenicidade

km – quilômetro

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

PNSA – Programa Nacional de Sanidade Avícola

PPM – Pesquisa da Pecuária Municipal

SVO – Serviço Veterinário Oficial

TI – Território de Identidade

UF – Unidade Federativa

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos

VBP – Valor Bruto da Produção

LISTA DE SÍMBOLOS

® – marca registrada

% – porcentagem

SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 REVISÃO DE LITERATURA	16
3.1 PANORAMA AVÍCOLA COMERCIAL	16
3.1.1 Avicultura no estado da Bahia	19
3.1.1.1 Territórios de Identidade – Recôncavo	19
3.1.2 Biosseguridade na avicultura	20
3.2 AVICULTURA NO CONTEXTO DA SUBSISTÊNCIA	23
3.2.1 Manejo na avicultura de subsistência	25
3.3 ASPECTOS SANITÁRIOS	26
3.3.1 Aves de subsistência e a vigilância epidemiológica	27
3.3.2 Além do âmbito zootécnico	28
3.4 APOIO TÉCNICO: DESAFIOS E BENEFÍCIOS	29
4 MATERIAL E MÉTODOS	31
4.1 ÁREA DE ESTUDO	31
4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	32
4.3 DELINEAMENTO EXPERIMENTAL	32
4.4 ANÁLISES ESTATÍSTICAS	33
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
6 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO	56

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, a Bahia é o estado com o maior número de estabelecimentos agropecuários na Região Nordeste, com cerca de 78% destes estabelecimentos classificados como da agricultura familiar (IBGE, 2017). A agricultura familiar contribui para segurança alimentar e economia das famílias produtoras e para localidade em que essas famílias estão inseridas. As atividades desenvolvidas nas propriedades têm importância social, cultural e econômica para populações rurais, e comumente integram cultivo vegetal e criação animal (González-Félix *et al.*, 2021; Grigol *et al.*, 2022; Leite; Censi, 2022; Rocha *et al.*, 2016; Silva, 2019).

Ainda, segundo os dados censitários, no que se refere aos estabelecimentos familiares com criação animal, a produção de galináceos (*Gallus gallus domesticus*) é desenvolvida em mais de 70% destes, mostrando-se uma atividade bem difundida (IBGE, 2017). Os sistemas tradicionais de criação de galinhas em pequena escala, em propriedades rurais e de cunho familiar, continuam a desempenhar um papel de importância social e econômica na manutenção dos meios de subsistências dessas famílias. A produção, consumo e venda das aves é uma ferramenta que viabiliza o desenvolvimento da agricultura familiar, através da obtenção de alimento e comercialização, sem precisar de investimentos muito altos e áreas extensas (Grigol *et al.*, 2022; Jalfim; Caporal, 2016; Rocha *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018; Sonkar *et al.*, 2020).

Produtores familiares, que têm a criação de aves como atividade, tendo informação acessível, têm o interesse em conhecer novos conceitos e práticas de criação (Santana; Freitas, 2017). No entanto, mesmo com avanços na área, como a entrada de linhagens melhoradas, equipamentos, vacinas e pesquisas (Vasconcelos *et al.*, 2015), ainda segue forte a manutenção de práticas baseadas na observação e passadas de geração em geração. Essas famílias ainda criam as aves de modo tradicionalmente com pouca tecnologia, estrutura e padrões de sanidade deficientes, seja por desconhecimento ou por questões econômicas (Amajo *et al.*, 2022; Araujo, 2017; Rocha *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018).

A produtividade das aves pode ser afetada por uma série de restrições e desafios, dentre esses, a ausência de programas sanitários é um grande desafio, e, por conseguinte, altos índices de morbidade e mortalidade, pois frente a falta de informações, produtores não adotam manejo sanitário eficiente (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Araujo, 2017; Rocha *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018). A escassez de assistência veterinária em pequenas criações sucede a altos índices de mortalidade e morbidade, enfatizam Sonkar *et al.* (2020).

A necessidade de caracterizar o perfil da avicultura familiar na região do Recôncavo Baiano encontra-se justificada em alguns fatores. Considerando a forte presença da agricultura familiar na região (IBGE, 2017) e o potencial da atividade de criar aves de contribuir para a diversificação produtiva (Jalfim; Caporal, 2016), é importante identificar as práticas de manejo adotadas. Além disso, os pequenos criatórios, do ponto de vista sanitário, podem representar risco para criações comerciais (Duarte; Ferreira, 2021; Gonçalves *et al.*, 2014), tendo em conta que o Território de Identidade (TI) Recôncavo representa um número significativo das granjas comerciais registradas no estado da Bahia (ADAB, 2024).

Traçar o perfil dessas criações leva a um ganho que ultrapassa aspetos produtivos, como também informações importantes para outros atores da área de saúde animal, incluindo os órgãos de defesa sanitária animal (Bourscheid *et al.*, 2016). Diante do exposto, objetiva-se caracterizar o perfil das criações de aves de subsistência no município de Muritiba, na região do Recôncavo Baiano, Bahia, abordando os diversos aspectos que envolvem as práticas de manejo adotadas nessas criações.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar e discutir as condições zoonos sanitárias de criações de galinhas de subsistência no município de Muritiba, no Recôncavo Baiano.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a(s) finalidade(s) da criação de galinhas
- Caracterizar as práticas de manejo adotadas nas criações de galinhas
- Analisar e discutir as práticas sanitárias adotadas ou não nas criações de galinhas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 PANORAMA AVÍCOLA COMERCIAL

Estabelecimento agropecuário é o estabelecimento que produz ou explora uma ou mais atividades, seja agrícola, florestal, aquícola ou de pecuária, com a finalidade comercial ou de subsistência. De acordo com o censo de 2017, o Brasil possuía cerca de 4 milhões de estabelecimentos com atividade da pecuária, sendo que em 71% havia a produção de galináceos (galos, frangas, frangos, pintos e galinhas). A Região Nordeste detinha aproximadamente 1,8 milhão de estabelecimentos agropecuários que exploravam alguma atividade de pecuária, destes, cerca de 73% exploravam a avicultura (IBGE, 2017).

No Brasil, a avicultura teve seu início com criações de subsistência, ou seja, a criação das aves tinha o objetivo de fornecer alimento para o produtor e sua família. Entre a década de 60 e 80, a parceria entre o produtor e a agroindústria – sistema de produção do tipo integração – marcou uma reestruturação da cadeia produtiva da avicultura no país. Os avanços tecnológicos, incluindo tecnologias internacionais, que permearam pela genética, sanidade, nutrição, manejo e ambiente, favoreceram a produção em grande escala, e o Brasil inseriu-se competitivamente no mercado mundial (Vasconcelos *et al.*, 2015).

Segundo dados da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM), levantamento anual realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre o efetivo da pecuária e produção de origem animal, em 2022, o rebanho de galináceos no país foi de 1,56 bilhão de cabeças, superando em 2,24% o efetivo de 2021. Em 2023 o efetivo foi de 1,57 bilhão de cabeças, um aumento de 0,6% em relação a 2022. O estado do Paraná liderou a lista dos principais produtores, com 453,4 milhões de aves, detendo 28,7% do efetivo nacional, sendo São Paulo o segundo estado com maior efetivo, com 205,7 milhões, 13% do total nacional (Tabela 1) (IBGE, 2023a).

No que concerne a produção brasileira de ovos de galinha, em 2023 o Brasil produziu 52,4 bilhões de unidades. Em 2024, a produção foi de aproximadamente 57,7 bilhões de unidades, apenas 0,86% tiveram como destino a exportação (ABPA, 2025). O estado de São Paulo detém o primeiro lugar em produção de ovos, com 1,18 bilhão

de dúzias, seguido do Paraná e Minas Gerais (Tabela 1) (IBGE, 2023a). O estudo trimestral do IBGE mostra que, em 2024, a maior produção ocorreu no 4º trimestre do ano, com 1,2 bilhão de dúzias produzidas (IBGE, 2024).

Tabela 1 – Principais estados produtores por efetivo de galináceos e produção de ovos de galinha do Brasil, 2023.

UF	Galináceos (cabeças)	UF	Ovos de galinha (dúzias)
Paraná	453,4 milhões	São Paulo	1,18 bilhão
São Paulo	205,7 milhões	Paraná	492,4 milhões
Rio Grande do Sul	158,8 milhões	Minas Gerais	431,5 milhões
Santa Catarina	151 milhões	Rio Grande do Sul	377,5 milhões
Minas Gerais	121,2 milhões	Espírito Santo	345,3 milhões
Goiás	104,7 milhões	Goiás	295,1 milhões
Pernambuco	63,9 milhões	Ceará	290,3 milhões
Bahia	45,8 milhões	Santa Catarina	285 milhões
Mato Grosso	42,8 milhões	Pernambuco	282,2 milhões
Ceará	37,3 milhões	Mato Grosso	271,4 milhões
Total	1,38 bilhão	Total	4,25 bilhões

Fonte: Elaborado a partir dos dados divulgados pela Pesquisa da Pecuária Municipal, IBGE (2023a).

No ano de 2023, o Brasil abateu 6,28 bilhões de frangos. Um aumento de 1,9% em relação ao ano de 2022, que foi de 6,10 bilhões de cabeças. Em 2024, o abate de frangos alcançou 6,45 bilhões. Liderando o ranking nacional, o Paraná abateu 2,2 bilhões de aves em 2024 (IBGE, 2024).

Conforme o relatório de maio de 2025, divulgado pelo MAPA, referente ao desempenho e o faturamento da produção agropecuária no país, o Valor Bruto da Produção (VBP) do setor da pecuária atingiu 432,9 bilhões em 2024. Desse total, o setor de frango obteve um faturamento de R\$ 107,9 bilhões, correspondente a 25% do VBP da pecuária. A participação dos ovos foi de R\$ 27 bilhões. Em 2025, de acordo com a análise preliminar – janeiro a maio/2025 –, projeta-se um VBP de 116,9 bilhões para o frango e de 31,6 bilhões para os ovos (Brasil, 2025c).

O Brasil se coloca como um dos principais produtores e exportadores de carne de frango do mundo. De acordo com o relatório anual da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o país foi o terceiro maior produtor mundial, e produziu aproximadamente 15 milhões toneladas de carne de frango em 2024. Foram

destinados à exportação 5,3 milhões de toneladas, 35,3% da produção, aumento de 3% em relação a 2023, tendo como destino 151 países. O país é líder mundial em exportação de carne de frango (ABPA, 2025).

A competitividade de preço, custos de produção, o status sanitário, as relações comerciais e alta demanda externa trazem estabilidade ao Brasil frente a outros países exportadores (ABPA, 2025; USDA, 2023). Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, é esperado que, mundialmente, as exportações de carne de frango cresçam 2% em 2025, com o Brasil tendo destaque (USDA, 2024). O país mostra bom desempenho também no setor de material genético avícola. As exportações de ovos férteis de galinha acumularam 26,1 mil toneladas em 2024, aumento de cerca de 2,8% frente a 2023, tendo México como principal importador, seguido do Senegal (ABPA, 2025).

De acordo com a ABPA, em 2024 o consumo de carne de frango per capita foi de 45,5 kg, e o consumo de ovos de galinha foi de 269 unidades per capita (ABPA, 2025). Para 2025, a expectativa é de aumento na oferta de ovos e de aumento de 1% no consumo per capita (Santin; Lacerda, 2024).

Avaliando as características dos consumidores de carne de frango e de ovos de aves de granja, em uma cidade da Paraíba, Pessoa *et al.* (2020) observaram que 94% dos entrevistados consumiam carne de frango, e quanto a frequência de consumo os maiores percentuais foram consumo quinzenal e consumo diário, 34% e 30% respectivamente. A variável preço obteve a maior percentagem (40%) no que se refere a fatores que influenciam a compra. Ainda, em relação ao consumo de ovos de galinha, 57% consumiam. Almeida *et al.* (2022), ao caracterizarem os consumidores de ovos de galinhas em Dourados – MS, encontraram que 96,67% dos entrevistados consumiam o produto.

A renda per capita domiciliar é um fator que influencia no hábito alimentar das famílias, e o preço é o maior quesito no momento da aquisição de alimentos (Pessoa *et al.*, 2020). A pandemia COVID-19 (Doença do Coronavírus) explicitou essa influência, com a queda do poder aquisitivo do consumidor, houve uma redução no consumo de carne bovina e aumento na busca por outras proteínas animais, como carne de frango e ovos (Preto *et al.*, 2021).

3.1.1 Avicultura no estado da Bahia

No que se refere a produção de galináceos na Região Nordeste, os destaques nordestinos são os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará. Apenas os três estados integraram a lista dos dez maiores produtores do país, com o estado de Pernambuco ocupando a 7º posição, a Bahia ocupando a 8ª posição e Ceará a 10º posição (IBGE, 2023a).

De acordo com o censo agropecuário de 2017, a Bahia era o estado do Nordeste com maior número de estabelecimentos agropecuários, sendo recenseados cerca de 762 mil estabelecimentos. Em aproximadamente 584 mil, havia alguma atividade pecuária; os galináceos estavam presentes em 70% destes (IBGE, 2017). Com um efetivo de 45,8 milhões de aves em 2023, o rebanho de galináceos no estado apresentou redução de 7,7% em relação a 2022, que foi de 49,6 milhões (IBGE, 2023a).

Segundo dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE, 2024), a Bahia abateu cerca de 128 milhões de frangos em 2023. Em 2024, o estado se destacou, sendo o estado nordestino com maior quantidade de frangos abatidos, 130,9 milhões de frangos. Esses dados colocam a Bahia na 9ª posição no ranking nacional de abate de frangos em 2024.

De acordo com a PPM, cerca de 120,9 milhões de dúzias de ovos de galinha foram produzidas no ano de 2022 na Bahia. Nesse período o estado contava com 7,7 milhões de galinhas poedeiras. Esse efetivo reduziu em 1,3% em 2023, com 7,6 milhões de poedeiras. Apesar da redução no efetivo, em 2023 a produção de ovos no estado foi de 122,6 milhões de dúzias, alta de 1,4% frente a 2022 (IBGE, 2023a). Em 2024, de acordo com dados da pesquisa de Produção de Ovos de Galinha, que acompanha trimestralmente a produção de ovos em estabelecimentos com capacidade de alojamento de 10 mil ou mais galinhas, o estado atingiu uma produção de 88,5 milhões de dúzias, entre ovos para consumo e incubação (IBGE, 2024).

3.1.1.1 Territórios de Identidade – Recôncavo

A Bahia é dividida em 27 Territórios de Identidade (TI) (BAHIATER, 2017), e no âmbito da avicultura, o TI Portal do Sertão apresentava o maior efetivo de galináceos do estado, abarcando cerca de 11,5 milhões de cabeças, o equivalente a 25,1% do efetivo estadual. O TI Bacia do Rio Grande ocupou o segundo lugar, respondendo por

10,3 milhões de cabeças. O TI Recôncavo deteve o 3º maior efetivo, com cerca de 6 milhões de aves (IBGE, 2023a).

O TI Recôncavo é composto de 19 municípios, e dentre os municípios que compõem o TI, os dez maiores produtores por efetivo de galináceos são os municípios de Varzedo, Santo Antônio de Jesus, Cachoeira, Santo Amaro, Governador Mangabeira, Cabaceiras do Paraguaçu, Muritiba e Sapeaçu, que juntos representaram 95,8% do efetivo total de aves do TI, com 5,7 milhões de cabeças. Em relação a produção de ovos, em 2023 foram produzidas 5 milhões de dúzias de ovos (IBGE, 2023a).

Mesmo com a redução no efetivo estadual de galináceos em 2023, em relação a 2022, o efetivo de alguns municípios do TI Recôncavo tiveram crescimento, a mencionar os municípios de Castro Alves e Sapeaçu, com crescimento de 19% e 25% respectivamente, e com maior destaque o município de Muritiba (Tabela 2). Em 2023, Muritiba apresentou efetivo de 391,9 mil cabeças, alta de mais de 100% em relação a 2022 (IBGE, 2023a).

Tabela 2 – Comparativo 2022-2023 do efetivo de galináceos (total) e a variação percentual, dos municípios Castro Alves, Sapeaçu e Muritiba.

Município	Efetivo galináceos		
	(mil cabeças)		
	2022	2023	Variação (%)
Castro Alves	9,11	10,8	19
Sapeaçu	275	342,6	25
Muritiba	149	391,9	162

Fonte: Elaborado a partir dos dados divulgados pela Pesquisa da Pecuária Municipal, IBGE (2023a).

3.1.2 Biosseguridade na avicultura

A eficiência e sucesso da cadeia produtiva avícola é atribuído aos esforços contínuos em biosseguridade; pilar fundamental do setor avícola. O status sanitário do Brasil confere ao país uma estabilidade no mercado interno e no internacional (ABPA, 2025; Rauber, 2023; USDA, 2023).

A biosseguridade na cadeia produtiva animal, em síntese, se refere a implantação e implementação de um programa de medidas sanitárias com objetivo de prevenir a entrada ou disseminação de agentes de podem representar risco aos animais na unidade produtiva. Em suma, os princípios da biosseguridade abrangem a

bioexclusão, que são medidas que visam prevenir ou reduzir os riscos da entrada de patógenos na unidade de produção, e a biocontenção, que são medidas que visam controlar e conter a disseminação de patógenos instalados na unidade de produção (FAO, 2010).

Dada a sua importância, através do Programa Nacional de Sanidade Avícola (PNSA), com base na Instrução Normativa nº 56 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) em 2007, é definida a fiscalização e o controle sanitário dos estabelecimentos de produção avícola, e faz obrigatório o registro de estabelecimentos avícolas no Serviço Veterinário Oficial (SVO), onde para obtenção do registro o estabelecimento deve cumprir uma série de medidas e procedimentos operacionais exigidos pelo SVO, garantindo qualidade produtiva e sanidade dos plantéis (Brasil, 2007).

O fato da produção de frango no Brasil ter, na sua maioria, granjas integradas à indústria, favorece a organização da cadeia produtiva e implementação de um programa sanitário, assegurando estabilidade no fornecimento do produto e controle de qualidade ao setor (Rauber, 2023). Dessa forma, produções em escala comercial tendem a ter bons índices de eficiência produtiva, comparadas a criações pequenas e/ou informais, devido aos investimentos a fim de reduzir perdas na produção, visto que a adoção de práticas sanitárias se correlaciona com os índices de surtos de doenças; quanto maior o nível de adoção de práticas sanitárias menores os surtos de doenças no plantel (Maduka; Igbokwe; Atsanda, 2016). Rauber (2023) reforça que os esforços conjuntos dos órgãos públicos e do setor privado avícola favorecem a manutenção da qualidade e sanidade dos plantéis.

Entre os investimentos feitos pelas empresas avícolas estão ações direcionadas a fatores de riscos sanitários. A exemplo, menciona-se o mapeamento das criações informais de aves das proximidades do estabelecimento comercial, fornecimento de treinamento de pessoal até o planejamento estratégico das vias de acesso ao estabelecimento (Rauber, 2023). Os custos da adoção de um programa de biossegurança na unidade de produção é comparativamente baixo frente as prováveis perdas causadas por um surto de doença na granja (Lagatta; Gameiro, 2017).

Para Duarte e Ferreira (2021), a compreensão por parte dos atores envolvidos na cadeia produtiva, no que diz respeito as razões e importância da implantação das atividades previstas no programa de biossegurança, é essencial para que o programa seja implementado corretamente, refletindo no sucesso da produção. Neste sentido, Souza *et al.* (2021), analisando fatores críticos de sucesso na produção de frango na concepção de produtores integrados, constataram que eles consideram a biossegurança como fator de maior importância na produção, vista como pilar da cadeia produtiva, justificado pelo impacto na remuneração ao final da cadeia produtiva, assim como também pelos fatores contratuais, em que as empresas integradoras estimulam e exigem a aplicação de práticas sanitárias.

A introdução e disseminação de um agente patogênico em uma granja avícola gera impacto tanto na sanidade das aves assim como, consequentemente, no econômico da unidade produtora e/ou indústria, seja pelo índice de mortalidade de aves e/ou pelo índice de morbidade, com diminuição da eficiência produtiva, além do risco epidemiológico a outros estabelecimentos e saúde pública (Duarte; Ferreira, 2021; Gonçalves *et al.*, 2014).

O PNSA apresenta constante evolução, e suplementarmente a adoção de medidas e procedimentos operacionais de biossegurança nas unidades de produção, outro objetivo do programa é a vigilância epidemiológica, em conformidade com ações desenvolvidas pelo MAPA. Menciona-se o plano de vigilância de Influenza Aviária e Doença de Newcastle. O Departamento de Saúde Animal do MAPA estabeleceu o plano, de modo a dar embasamento e direções sobre as ações de vigilância contra as doenças. O plano é um importante aliado dos SVO, visando a prevenção da introdução e impedir a disseminação dos agentes da Influenza Aviária (IA) e da Doença de Newcastle (DNC) nos estabelecimentos comerciais do país, devido aos impactos dessas doenças e protegendo a cadeia avícola (Brasil, 2022).

Após 18 anos, o Brasil voltou a ter registro da DNC. Em 17 julho de 2024, foi confirmado um caso da doença em ave comercial no estado do Rio Grande do Sul. Frente a ocorrência, o MAPA declarou emergência zoonosológica no estado com o objetivo de focar na vigilância epidemiológica com a aplicação dos procedimentos e ações previstas no Plano de Contingência de Influenza Aviária e Doença de Newcastle (Brasil, 2024a). Restrições nas exportações de produtos avícolas foram feitas no

estado, de forma preventiva. Contudo, sem novos focos, no dia 26 de julho de 2024, o MAPA comunicou quanto à conclusão do foco da DNC e declarou o fim do estado de emergência zoossanitária (Brasil, 2024b), alçando o restabelecimento das transações comerciais. As restrições não afetaram as exportações totais do país, visto que os demais estados se mantiveram elegíveis para exportação (USDA, 2024).

Em 2023, o Brasil registrou o primeiro foco do vírus IA no país, levando o MAPA a declarar estado de emergência zoossanitária em todo território nacional (Brasil, 2023). Com os casos se limitando a animais silvestres e de subsistência, o país manteve seu *status* livre de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em aves de produção comercial (ABPA, 2025; USDA, 2024). Entretanto, em maio de 2025, o país detectou o primeiro caso de IAAP em granja comercial em um município do estado do Rio Grande do Sul, e seguindo o Plano de Contingência nacional, uma série de medidas de contenção e erradicação foram aplicadas (Brasil, 2025a). O caso levou diversos países parceiros a adotarem restrições, entre suspensão total, suspensão restrita ao estado do Rio Grande do Sul e suspensão limitada para o município do foco (Brasil, 2025b).

Após desinfecção da granja origem do foco, foi estabelecido o vazio sanitário, e sem novos casos, o Brasil comunicou oficialmente à Organização Mundial de Saúde Animal e aos países parceiros comerciais o fim do vazio sanitário, e se autodeclarou novamente livre de IAAP; passo fundamental para o restabelecimento das exportações (Brasil, 2025d).

3.2 AVICULTURA NO CONTEXTO DA SUBSISTÊNCIA

Os estabelecimentos agropecuários podem ser classificados em não familiar e familiar; os estabelecimentos agropecuários familiares, dentre as suas características, são aqueles em que a gestão da propriedade é feita pela família, a mão-de-obra é predominantemente familiar, metade da renda gerada é oriunda das atividades do estabelecimento, e a propriedade tem área de até quatro módulos fiscais (Brasil, 2017).

O Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017) revela a importância da agricultura familiar no Brasil, onde, de acordo com o censo, o país contava com aproximadamente 3,9 milhões de estabelecimentos classificados como da agricultura familiar, o

equivalente a cerca de 77% do total dos estabelecimentos agropecuários. Por outro lado, em relação a distribuição dos estabelecimentos por área, os estabelecimentos da agricultura familiar ocupavam pequenas áreas, correspondendo a 23% da área total ocupada por estabelecimentos agropecuários no país.

A região Nordeste respondeu por cerca de 47% dos estabelecimentos familiares do país, aproximadamente 1,83 milhões; sendo o estado da Bahia aquele da região Nordeste com o maior número de estabelecimentos da agricultura familiar; que representam aproximadamente 78% do total dos estabelecimentos agropecuários baianos. No TI Recôncavo, a agricultura familiar se mostra igualmente expressiva; representando 80% do total de estabelecimentos agropecuários do território (IBGE, 2017).

De acordo com o censo demográfico 2022, a população rural brasileira era de aproximadamente 25,6 milhões de pessoas, distribuídos em 8,44 milhões de domicílios (IBGE, 2022b). As atividades produtivas desenvolvidas pelas famílias rurais, principalmente produção vegetal e animal, significam primariamente o acesso a alimentos e a busca pela segurança alimentar da família, por meio do autoconsumo dos produtos da sua produção, e também comercialização (Grigol *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018).

O consumo de alimentos produzidos na propriedade gera economia de gastos, por reduzir custos com itens de supermercado. Além disso, grande parte dos produtos produzidos são considerados, por essas famílias, de melhor qualidade quando comparados à produtos comercializados em grandes mercados e afins (González-Félix *et al.*, 2021; Leite; Censi, 2022). A venda dos produtos produzidos sem intermediários é habitual, em um circuito curto de comercialização, tendo as feiras livres como ambientes comumente utilizados para comercializar, além de outros canais de comercialização para diversificar a renda (Silva, 2019).

A avicultura de subsistência é a criação de aves domésticas, gerida familiarmente, sendo ferramenta, principalmente, para segurança alimentar. Para esses pequenos produtores rurais a criação das aves não requerer um grande capital (Araujo, 2017; Carmo, 2018; FAO, 2014; Rocha *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018). Apesar da criação de galináceos em estabelecimentos familiares ser bem difundida, estando presente em

mais de 80% desses estabelecimentos, apenas 24,5% realizaram vendas efetivas, como apontado no censo de 2017 (IBGE, 2017).

Tratando-se da criação animal por pequenos produtores, a informalidade, falta de condições sanitárias e estrutura básicas para criação exigidas pelos órgãos competentes (Brasil, 2022), impossibilita estes alcançarem maiores canais de comercialização, tanto pela questão de custos, como também pelo desconhecimento por parte desses pequenos produtores, tornando assim as feiras livres um canal mais acessível para escoamento dos produtos produzidos (Araujo, 2017; Rocha *et al.*, 2016).

Apesar de comercializar produtos advindos da criação de aves, os pequenos produtores não fazem acompanhamento das despesas e retorno financeiro da atividade, assim como também não fazem registro zootécnico da criação (Rocha *et al.*, 2016). A atividade, frente a outras atividades desenvolvidas na propriedade, pode não ser vista como tendo potencial de rentabilidade (Jalfim; Caporal, 2016), e isso refletir no investimento de tempo e capital por parte do pequeno agricultor, que tendem a serem baixos (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Grigol *et al.*, 2022).

3.2.1 Manejo na avicultura de subsistência

De modo geral a criação de galinhas de subsistência se caracteriza por um sistema de produção majoritariamente extensivo, onde as aves permanecem todo ou parte do tempo soltas, comumente dividindo o ambiente com outros animais. Sendo esse sistema de menor custo para o criador. Ainda nesse sistema, há pouco ou nenhum investimento em estruturas, em tecnologia e em manejo sanitário (FAO, 2014; Grigol *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2016; Santana; Freitas, 2017).

Quanto a instalações, a construção de galinheiros comumente é feita com materiais rústicos e acessíveis ao criador, e não atendendo as necessidades das aves (Rocha *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018). Trabalhos expõem a oferta de alimento sem uso de comedouros, diretamente no solo, e uso de bebedouros em más condições de higiene (Quevedo *et al.*, 2022; Santos *et al.*, 2021).

A alimentação das aves se baseia na associação da oferta de ração e/ou milho, resíduos da produção vegetal e resíduos da alimentação da família, e pastejo no ambiente; almejando a redução dos custos com ração comercial (Araujo, 2017; Grigol *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2018). A frequência e diversidade de alimento ofertado as aves varia conforme as condições financeiras do produtor (Araujo, 2017).

Além das doenças, Amajo *et al.* (2022) e Rocha *et al.* (2016) apontam ainda como gargalos inerentes a avicultura de subsistência questões nutricionais, de instalações e acesso a assistência técnica; fatores que comprometem a produtividade e rentabilidade da atividade.

3.3 ASPECTOS SANITÁRIOS

Muitos fatores relacionados ao sistema de criação são determinantes da performance dos animais, que perpassam por genética, nutrição, manejo, ambiência, prevenção e controle de doenças (FAO, 2014). As produções em grande escala tendem a ter maior eficiência produtiva, comparadas a criações em pequena escala ou informais, devido aos investimentos na prevenção de doenças e aplicação de medidas que objetivam reduzir perdas na produção (Maduka; Igbokwe; Atsanda, 2016; Souza *et al.*, 2021), no entanto, tais medidas preventivas ainda não são amplamente executadas em pequenos criatórios de galinhas (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Araujo, 2017; Rocha *et al.*, 2016).

Um cenário de alerta para avicultura comercial das proximidades dessas pequenas criações, pois as aves de criações de subsistência expostas a agentes patogênicos tornam-se potenciais fontes de manutenção e disseminação de patógenos para outras aves, incluindo as de criações comerciais que circunvizinham esses criatórios, salientaram Batista (2018) e Duarte e Ferreira (2021).

Gonçalves *et al.* (2014), em levantamento soroepidemiológico da Doença de Newcastle em criatórios de galinhas de quintal não vacinadas, revelaram animais positivos para doença tanto nas áreas próximas às granjas comerciais, assim como nas regiões mais distantes, 56,56% e 73,5% respectivamente. Similarmente, Batista (2018) encontrou altos títulos sorológicos para Vírus da Bronquite Infecciosa e

Metapneumovírus Aviário em aves de sistema caipira, sugerindo a circulação dos agentes nas criações, sendo que todas as propriedades estavam próximas de estabelecimentos comerciais, em um raio de 6 km até 500 metros de distância.

O manejo de aves doentes em pequenas criações baseia-se nas experiências dos próprios criadores e/ou de terceiros; acesso a atendimento veterinário não é uma realidade. Face ao adoecimento dos animais, produtores fazem uso de fármacos, majoritariamente antimicrobianos, mesmo sem a orientação de um profissional capacitado e noções básicas das afecções (Batista, 2018; Rimi *et al.*, 2018). De acordo com Santos-Ferreira, Ferreira e Teixeira (2022), o uso indiscriminado de antimicrobianos contribui para o aumento de agentes resistentes a antimicrobianos.

O descarte das carcaças de aves mortas e outros resíduos, como excreta, é um ponto importante a ser considerado na criação das aves. O local e método utilizado são fatores determinantes para o devido fim desses resíduos, assim como para reduzir seu impacto ambiental, visto que o descarte inadequado polui o ambiente, como solo e água, e pode disseminar microrganismos, conferindo um risco sanitário aos que convivem no ambiente (Aravindh; Prakash, 2015; Quevedo *et al.*, 2022).

Do ponto de vista epidemiológico, há de se observar a situação em que aves que não desenvolvem sintomatologia clínica de doença – quadro subclínico –, atuando como fontes de disseminação de agentes patogênicos (Pinto *et al.*, 2022). Sob tal perspectiva, menciona-se o comércio de aves vivas em feira livre e mercados locais, comum no ambiente rural, que possibilita o contato de aves de diferentes áreas, e é visto como um fator facilitador para disseminação de doenças, pois aves empiricamente saudáveis podem atuar como reservatórios de agentes patogênicos (Brasil, 2022; Haile; Fentie; Kassa, 2020; Fagrach *et al.*, 2023).

3.3.1 Aves de subsistência e a vigilância epidemiológica

A população-alvo do plano de vigilância de IA e DNC abrange populações de aves domésticas e silvestres. As populações de aves domésticas englobam as aves comerciais e as de subsistência. No plano é salientado que, mesmo representando um baixo risco para a disseminação das doenças, por estarem centradas em espaços

domiciliares, e não terem contato direto com estabelecimentos industriais, o contato com aves silvestres, facilitado pelo sistema tradicional de criação, faz as aves de subsistência uma população importante para detecção de doenças circulantes, consideradas sentinelas. Essa população se insere no componente I, que se trata da vigilância passiva, ou seja, notificação de casos suspeitos, sendo considerado o componente mais importante. E no componente IV, que se trata da vigilância ativa em aves de subsistência em áreas de maior risco de introdução de IA, ou seja, atividades estratégicas planejadas pelos SVO para monitoramento (Brasil, 2022).

3.3.2 Além do âmbito zootécnico

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) reconhece que biossegurança e Saúde Única (*One Health*) caminham juntos e conectam a saúde humana, animal, vegetal e ambiental (FAO, s.d.). A produção de alimentos para autoconsumo é ferramenta para enfrentar a insegurança alimentar, e é fundamental para a saúde e o bem-estar dos produtores rurais (Rocha *et al.*, 2016), e a carne de frango e ovos de galinha integram frequentemente as principais refeições, como evidenciou Grigol *et al.* (2022).

Nessa perspectiva, a sanidade animal está associada à segurança alimentar dessas famílias, pois práticas sanitárias irregulares na criação animal se correlacionam com a prevalência de doenças e, desse modo, à baixa produtividade e perda de animais (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Amajo *et al.*, 2022; Katoch *et al.*, 2012). Portanto, prezar pela saúde animal vai além do âmbito zootécnico; promove, dentre outros aspectos, a estabilidade no suprimento de alimento (FAO, s.d.).

Má condição de saúde dos animais e do ambiente representa latente risco de disseminação de patógenos na criação, e o contato com aves portadoras ou com ambiente contaminado por agentes zoonóticos é fator de risco para transmissão de doenças para o homem que maneja esses animais (El-Tras *et al.*, 2014).

O alimento seguro também se insere na segurança alimentar (FAO, s.d.), portanto, além da exposição ao manejar aves portadoras de agentes zoonóticos, o homem pode estar exposto a estes agentes ao manipular e/ou processar produtos avícolas e derivados contaminados, assim como ao consumir esses produtos (Santos-Ferreira;

Ferreira; Teixeira, 2022); principalmente, pelo consumo do alimento cru ou malcozido (Cisco *et al.*, 2017).

3.4 APOIO TÉCNICO: DESAFIOS E BENEFÍCIOS

Buscando identificar onde criadores de aves buscavam informações e atendimento para suas aves, Rimi *et al.* (2018) identificaram que os criadores tendiam a buscar informações com terceiros ou estabelecimentos agropecuários comerciais locais em detrimento a profissionais da saúde animal. E entre as justificativas mencionaram a localização dos SVO, que costumam ser distantes das comunidades, custos e o fato desses órgãos terem maior foco em outras categorias animais. Rimi *et al.* (2018) e Rocha *et al.* (2016) destacam a falta de serviços veterinários e de assistência técnica em comunidades rurais como um fator significativo para o baixo nível de adoção de práticas sanitárias em criações animais.

A assistência técnica é um poderoso instrumento para o aperfeiçoamento das produções da agricultura familiar, o serviço apresenta aos pequenos produtores novas informações, possibilidades e práticas (Anang; Bäckman; Sipiläinen, 2020). Sob esse olhar, são pertinentes ações extensionistas e de capacitação que se baseiem nas necessidades e no perfil de cada público, devendo considerar os fatores limitantes, como os econômicos e socioculturais (FAO, 2010, 2014).

“O processo de transmissão do conhecimento técnico e de difusão da tecnologia para o meio rural é uma ação que apresenta uma dificuldade intrínseca...” (Silva, 2014, p. 42). E por isso, o diálogo entre o conhecimento técnico-científico e os hábitos e conhecimentos locais são importantes para o compartilhamento do conhecimento e para a troca recíproca do mesmo, considerando e valorizando a dinâmica social do público e construindo um canal de confiança e clareza. Também, o meio de comunicação utilizado é tão importante quanto a mensagem a ser passada (Silva, 2014).

As práticas sanitárias devem ser incentivadas, considerando que o manejo sanitário é parte integrante da gestão geral da criação até a comercialização, por isso, é estratégico que as orientações, inicialmente, devem apresentar ao público-alvo os

benefícios produtivos, se referindo a participação na segurança alimentar e na renda familiar, incentivando assim indiretamente os investimentos sanitários em suas criações (FAO, 2010).

A vigilância passiva é uma das formas de se obter dados na vigilância epidemiológica, tendo como base notificações feitas aos SVO, relacionadas a ocorrências sanitárias, oriundas da comunidade geral, podendo ser do produtor ou de terceiros que tenham conhecimento da ocorrência. Porém, “[...] esta atividade pode encontrar resistências e dificuldades relevantes, particularmente quando a comunidade não está, ainda, devidamente preparada para o papel que lhe cabe no sistema” (Côrtes, 2002, p. 113). Visto que os trabalhos e as ações desenvolvidas pelos SVO ainda são de desconhecimento de uma parcela das pessoas envolvidos na avicultura (Campos *et al.*, 2016), outro benefício do apoio técnico é a sensibilização de produtores para a coparticipação em ações da defesa agropecuária, notificando e relatando ocorrência de anormalidades sanitárias em suas criações, sendo a vigilância passiva um componente de grande importância para a vigilância epidemiológica (Côrtes, 2002; Bourscheid *et al.*, 2016; Brasil, 2022).

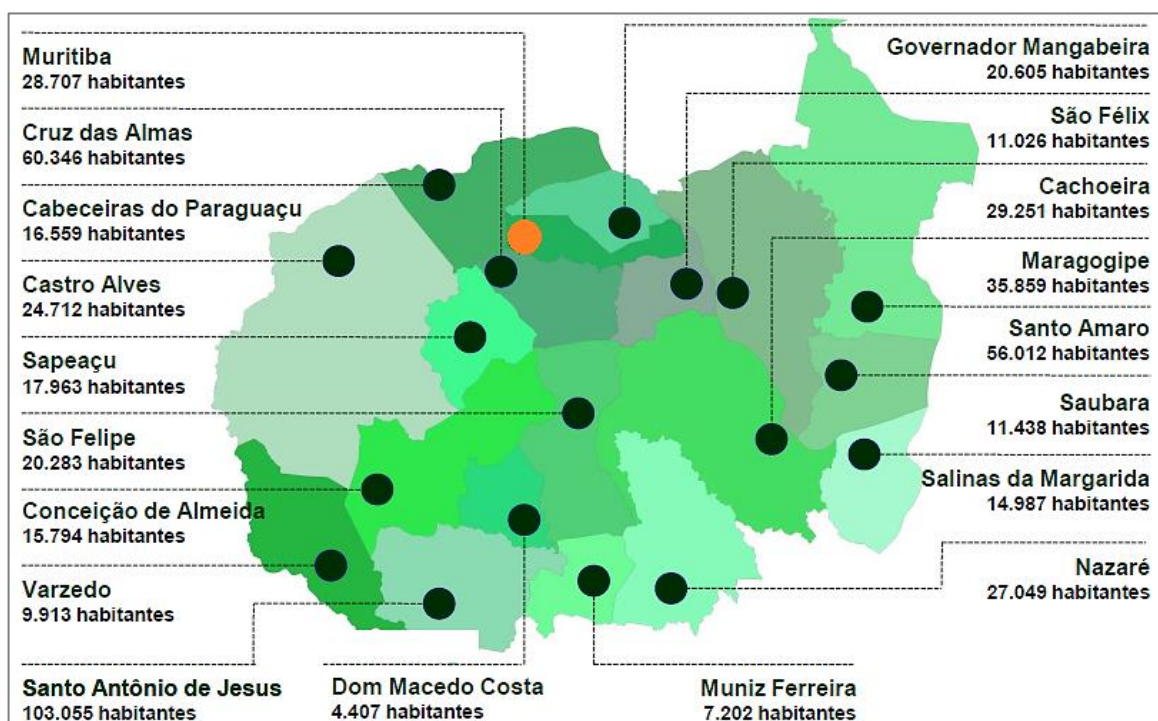
A caracterização do perfil zoonosológico proporciona dados para auxiliar o planejamento de ações de assistência técnica, extensão e educação sanitária especificamente para este público, em apoio às ações de defesa sanitária e sanidade animal (Campos *et al.*, 2016; Bourscheid *et al.*, 2016; Ezeibe *et al.*, 2014).

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 ÁREA DE ESTUDO

O presente trabalho buscou analisar a atividade de criação de aves (*Gallus gallus domesticus*) no Território de Identidade Recôncavo, desenvolvida por agricultores familiares de comunidades localizadas na zona rural do município de Muritiba, Bahia (Figura 1). A escolha desta área de estudo se justifica pela forte presença da agricultura familiar, e pelo expressivo aumento no efetivo municipal de galináceos em 2023 no município (IBGE, 2023a).

Figura 1 – Municípios que compõem o Território de Identidade Recôncavo, com destaque no município de Muritiba, Bahia.



Fonte: Adaptado de Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), 2024.

O município de Muritiba apresenta área territorial de 86,311 km². Em 2022 tinha uma população de 28.707 mil habitantes, com uma densidade demográfica de 332,6 habitantes por km² (IBGE, 2022a), com 33,3% residindo no meio rural (IBGE, 2022b). Segundo informações do site da Prefeitura Municipal de Muritiba (2024), a cidade passou à categoria de Vila em 8 de agosto de 1919, e de Cidade em 3 de agosto de

1922. Faz divisa com os municípios de São Félix, Governador Mangabeira, Cachoeira e Cruz das Almas, e tem como distrito São José do Itaporã. Segundo dados do censo agropecuário de 2017 (IBGE, 2017), a maior parte dos estabelecimentos da agricultura familiar do município desenvolvem suas atividades em áreas com até 4 hectares.

O Movimento de Apoio à Agricultura Familiar – Instituto AGROVIDA – viabilizou o contato com o público-alvo, agricultores familiares do município. O AGROVIDA, que tem um de seus escritórios no TI Recôncavo, no município de Cruz das Almas, é uma organização não governamental com foco no desenvolvimento rural sustentável, por meio da prestação de Assistência Técnica e Extensão Rural a agricultores familiares, promovendo o desenvolvimento da agricultura familiar dos agricultores beneficiados, e buscando aperfeiçoamento das políticas públicas. Dentre os municípios de atuação do instituto está o município de Muritiba.

4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Tratando-se de um estudo com seres humanos, a pesquisa cumpriu os requisitos e critérios, com aprovação, do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Ciências Agrárias e da Saúde da União Metropolitana de Educação e Cultura, sob o CAAE nº 74327923.1.0000.0190. Não houve necessidade de licença de pesquisa no Comitê de Ética no Uso de Animais, pois não houve manipulação de animais.

4.3 DELINEAMENTO EXPERIMENTAL

As abordagens quantitativas têm êxito em pesquisas da agropecuária, sendo abordagens de eleição em estudos agrários, todavia tratando-se do público-alvo do estudo, seguiu-se uma abordagem quali-quantitativa. Quanto ao objetivo geral, trata-se de uma pesquisa descritiva, em que se objetiva descrever as características da população em estudo (Gil, 2008), que, no presente trabalho, visa apontar as características da criação de galinhas. Quanto aos meios, trata-se de uma pesquisa de campo.

A técnica de amostragem usada para a seleção dos participantes é uma amostragem não probabilística, com o critério de conveniência. No que tange a coleta de dados, utilizou-se entrevista semiestruturada com base em questionário com o participante individualmente. Considerando possíveis informações não captadas durante entrevista, utilizou-se dados de observação *in loco* (Gil, 2008).

O questionário (ANEXO), composto de questões fechadas e uma aberta, abordou questões quanto ao perfil do criador, características do manejo geral adotado na criação de galinhas, com foco no manejo sanitário e conhecimento dos serviços oficiais de saúde animal. As questões do questionário foram elaboradas com base na literatura consultada neste trabalho.

Os dados primários foram levantados por meio de abordagem aos participantes, em associações e/ou em visitas as propriedades desses pequenos produtores rurais, escolhidos baseados no pré-requisito estabelecido de desenvolver a atividade da criação de galinhas. A abordagem foi feita com o responsável local ou representante, explicando a pesquisa e buscando sua voluntariedade e consentimento em participar no estudo.

Com o intuito de testar os processos metodológicos, refinando os critérios e aspectos operacionais a campo do estudo, foram feitas três entrevistas-piloto, em maio de 2024. Foi levado em conta a necessidade de deslocamento para as propriedades, que se situam em comunidades da zona rural. Com isso, observou-se que para realização das abordagens *in loco* aumenta-se o tempo dispensado para cada entrevista devido ao fator deslocamento e disponibilidade dos participantes. Os dados de campo foram coletados nos meses de outubro de 2024 e fevereiro de 2025, obtendo resposta de 12 produtores.

4.4 ANÁLISES ESTATÍSTICAS

Os dados obtidos foram dispostos em documento de texto no Microsoft Word (Microsoft®) e em planilha eletrônica do Microsoft Excel (Microsoft®), para classificação e tabulação. Foram calculadas as frequências absolutas e relativas, conforme apropriado para cada tipo de variável, para analisar e interpretar os dados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo foi conduzido com agricultores familiares distribuídos em quatro comunidades, situadas na cidade de Muritiba, TI Recôncavo, Bahia, trazendo informações dos participantes em estudo. Foi possível identificar que entre os agricultores abordados as mulheres estavam mais disponíveis para serem entrevistadas. A amostra tem 83% de respondentes do sexo feminino (Tabela 3), e demonstraram estar ativamente envolvidas no manejo das aves. Cenário similar ao mencionado por Silva *et al.* (2018) sobre a protagonismo das mulheres no manejo das aves domésticas. Diferente dos resultados de Rocha *et al.* (2016), em que, a presença masculina foi de 76,1%, mesmo com participação ativa das mulheres nessa atividade. Essa diferença entre os resultados pode ser atribuída à disponibilidade dos entrevistados em participar da pesquisa, do que ligada ao gênero em si.

Tabela 3 – Características dos agricultores respondentes.

VARIÁVEIS		N	%
Gênero	Masculino	02	17
	Feminino	10	83
Escolaridade	Educação básica incompleta	07	58,3
	Educação básica completa	04	33,3
	Ensino superior	01	8,3
Afiliação	Sim	12	100
	Não	-	-

N= número de respondentes; % = porcentagem.

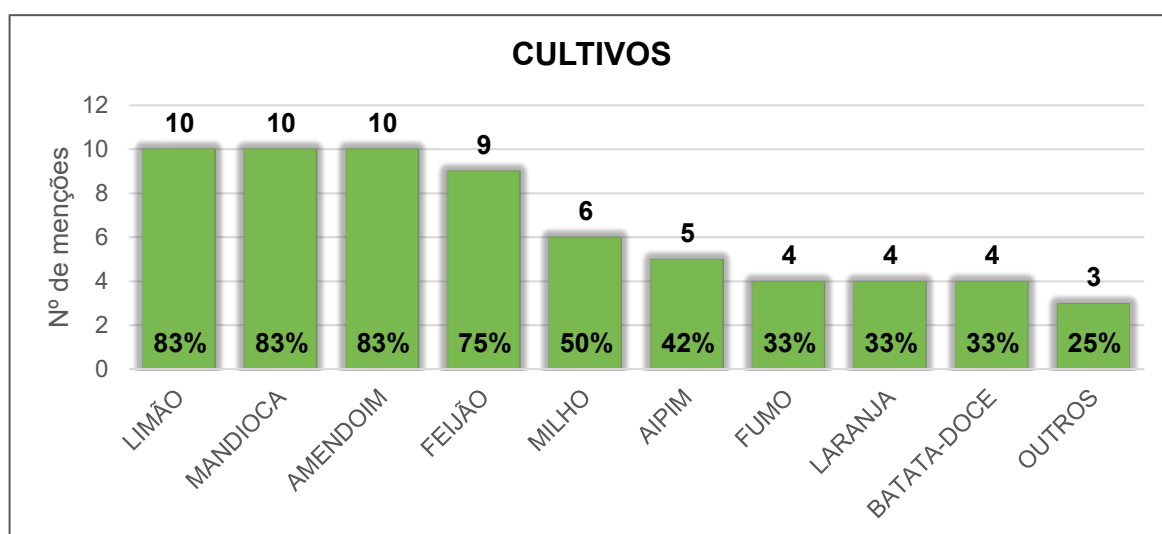
Fonte: Dados do autor, 2024.

Como ainda se observa na Tabela 3, no que refere a escolaridade, constatou-se que 58,3% (07/12) não completou a educação básica, que é compreendida pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, e 33,3% (04/12) concluíram o ensino médio. Um (01) respondente declarou ter ensino superior completo. Similarmente, no estudo de Rocha *et al.* (2016), cerca de 76% dos participantes não tinham a educação básica completa. Neste contexto, Oduro-Ofori, Aboagye e Acquaye (2014) citam a escolaridade de produtores rurais como um fator que impacta a aquisição de conhecimentos técnicos para o desenvolvimento de suas atividades. Para os autores há uma correlação positiva entre nível de escolaridade e a produtividade agrícola.

Os resultados do presente estudo demonstram que 100% (12) dos agricultores respondentes fazem parte das associações em suas localidades. Esta variável é importante a ser considerada, visto que as organizações, como associações e cooperativas, são importantes mecanismos de desenvolvimento para a agricultura familiar, atuando como condutores no que se refere à benefícios coletivos, sejam sociais, econômicos e/ou culturais, como apontam Lisboa e Alcântara (2019). Para os autores, “[...] a relação entre agricultura familiar e associativismo se torna significativa uma vez que essa prática tem viabilizado positivas mudanças na vida do agricultor familiar [...]” (Lisboa; Alcântara, 2019, p. 26).

Sobre cultivos agrícolas nas propriedades, os agricultores foram perguntados sobre o que plantavam, 100% dos respondentes (12) afirmaram ter algum cultivo. Em relação a diversidade, na Figura 2 são apresentados os produtos cultivados nas propriedades. Limão, mandioca e amendoim foram os mais mencionados pelos respondentes. Grigol *et al.* (2022) e Leite e Censi (2022) expõem a importância dos cultivos agrícolas nas propriedades na complementação das refeições, sendo estratégia para segurança alimentar e nutricional das famílias rurais, além de renda e na economia de despesas com produtos de mercados.

Figura 2 – Diversidade de produtos cultivados nas propriedades pelos respondentes.



Fonte: Dados do autor, 2024

De modo geral, a variedade de cultivo nas propriedades do presente estudo, se assemelha ao descrito por Carmo (2018), em trabalho desenvolvido no município,

onde evidenciou a diversidade produtiva e a forte presença da produção para autoconsumo. Dentre as atividades que compunham a renda familiar, destacaram-se a mandiocultura consorciada com culturas anuais, citricultura e fumicultura.

Os dados da Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2023b) indicam que, no TI Recôncavo, o município de Muritiba ocupa a terceira posição no que se refere a área plantada e quantidade produzida de limão, com uma produção de 3,5 mil toneladas, em 2023, e isso se refletiu nos resultados do estudo, com 83% dos agricultores do estudo afirmando cultivar limão. Foi possível observar que o cultivo de limão se convertia em uma importante fonte de renda para os produtores.

Carmo (2018) mencionou que as galinhas são animais que estão presentes na maioria dos quintais de agricultores familiares, integrando o espaço diverso do local. “A criação de galinhas se configura como uma prática persistente e que caracteriza o modo de vida local” (Grigol *et al.*, 2022, p. 11). No presente estudo, os relatos indicam que a criação de aves, principalmente *Gallus gallus domesticus*, tem caráter tradicional, ou seja, a atividade era desenvolvida pelas gerações anteriores. Na observação direta, observou-se que a espécie, em relação a animais de produção, era predominante, até mesmo a única espécie de produção criada nos espaços. Ao serem questionados sobre o tempo que desenvolvem a atividade, 83% dos respondentes afirmam criar aves a pelo menos 10 anos (Tabela 4).

Tabela 4 – Tempo de atividade da criação de aves, finalidade e importância na renda.

VARIÁVEIS		N	%
Tempo	Até 03 anos	01	8
	Entre 03 e 10 anos	01	8
	>10 anos	10	83
Finalidade	Consumo	05	42
	Venda	0	0
	Consumo e venda	07	58
Importância ¹	Muita	-	-
	Pouca	05	71
	Nenhuma	02	29

Nota¹: Não incluso N da variável Finalidade Consumo.

Fonte: Dados do autor, 2024.

No que se diz respeito a(s) finalidade(s) da criação (Tabela 4), entre os respondentes do estudo, é significativa a criação de galinhas para autoconsumo, sendo 42% dos

criadores afirmando ter como finalidade o consumo e 58% consumo e venda. Nenhum dos criadores criam as aves com finalidade única de comercialização. Araujo (2017) constatou a predominância da criação para autoconsumo, sendo cerca de 70% dos participantes afirmando ter o consumo próprio como finalidade da criação, e 25% consumo e venda. Na pesquisa de Grigol *et al.* (2022) também se observou tal tendência, com 93% dos participantes tendo a criação de aves para o autoconsumo. Silva *et al.* (2018) apontam que, a criação de galinhas caipiras, para além da segurança alimentar e renda, também fortalece os laços entre a comunidade, por meio da doação e/ou troca do que é produzido entre as famílias.

Frente a possibilidade de comercializar o excedente da criação, a criação de galinhas habitualmente não ocupa lugar de fonte primária de renda, mas de fonte complementar, como relatado por Amajo *et al.* (2022), Grigol *et al.* (2022) e Rocha *et al.* (2016). Neste estudo, os criadores foram indagados quanto a importância da atividade para a renda, e como observa-se na Tabela 4, 71% afirmaram que a atividade tem pouca importância quanto ao retorno financeiro para as famílias, e 29% declaram ter nenhuma participação. Tal fato pode ser justificado pelas limitações da comercialização dos produtos advindo dessas pequenas criações (Araujo, 2017) e/ou pela baixa produtividade dessas aves, com destaque principalmente para falha manejo dos animais, mais especificamente no manejo sanitário (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Rocha *et al.*, 2016; Santos *et al.*, 2021).

Tabela 5 – Número de aves, satisfação quanto a peso e postura de ovos e aquisição de carne de frango/ovos de galinhas em mercados.

VARIÁVEIS		N	%
Número de aves	Até 10	02	17
	Até 20	07	58
	Até 40	03	25
Satisfeito(a) com o peso	Sim	08	67
	Não	04	33
Satisfeito(a) com a postura	Sim	10	83
	Não	02	17
Adquire carne/ovos de mercados	Sim	11	92
	Não	01	8

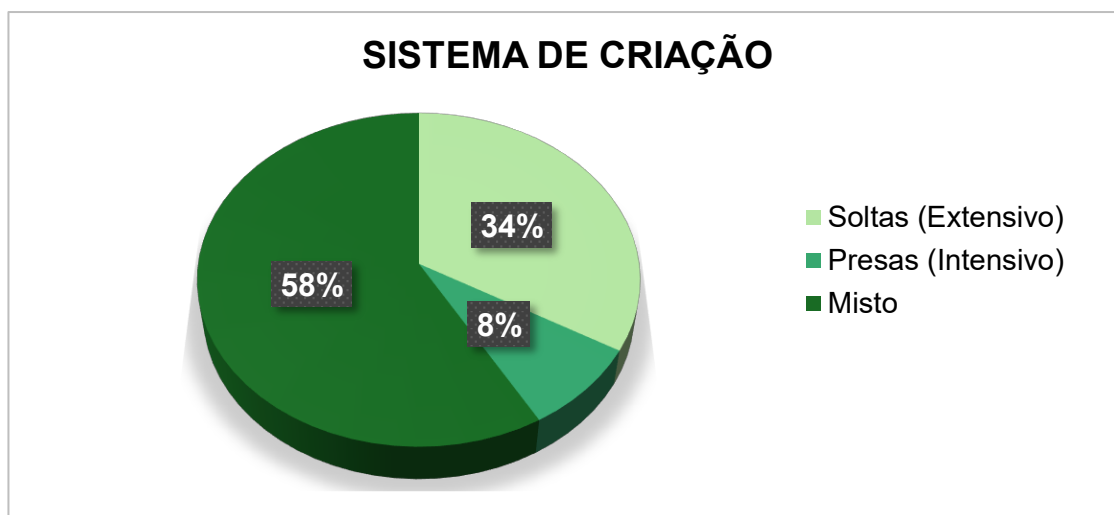
Fonte: Dados do autor, 2024.

Quanto ao número de animais (Tabela 5), a maior parte dos criadores, 58% (7), tinham até 20 aves, porcentagem superior a encontrada por Araujo (2017) com 34,4% dos participantes com criação de 11 a 20 aves. Em relação a satisfação quanto a produtividade das aves, 67% dos respondentes afirmam estar satisfeitos com o peso das aves, e 83% afirmam estar satisfeitos com a postura de ovos. No entanto, 92% dos respondentes declaram adquirir produtos avícolas de mercados. O que se conclui que a criação não atende as necessidades de proteína avícola dos criadores.

Há um desconhecimento da potencialidade do retorno financeiro da atividade de criar aves domésticas em sistemas tradicionais por parte de pequenos criadores, o que leva ao pequeno criador não fazer investimento de tempo e manejo em prol do desenvolvimento da atividade. Com investimentos adequados a realidade do pequeno produtor, os sistemas tradicionais de criação de aves, mesmo com pequeno número de animais, podem contribuir para alimentação das famílias e na renda das mesmas, e para sustentabilidade dos agrossistemas (Jalfim; Caporal, 2016; FAO, 2014).

No presente estudo, o principal sistema de criação adotado pelos criadores era o misto (58%), onde as aves permanecem soltas durante o dia e são presas ao final do dia (Figura 3), resultado similar ao encontrado por Araujo (2017) e Silva *et al.* (2018). A escolha por esse sistema de criação se justifica por fatores básicos como a facilidade no manejo dos animais, a área disponível da propriedade, e custos com a alimentação, além do bem-estar aos animais (FAO, 2014; Grigol *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2016; Santana; Freitas, 2017).

Figura 3 – Sistema de criação adotado pelos criadores respondentes.



Fonte: Dados do autor, 2024

Ressalta-se que o sistema de criação extensiva das aves e o manejo sanitário inadequado, tanto das aves quanto do ambiente, são considerados os principais fatores relacionados à ocorrência das doenças (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Gonçalves *et al.*, 2014; Santos *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2018). Amajo *et al.* (2022), sobre a doença infecciosa da bursa em aves de quintal, atribuíram a ocorrência da doença ao sistema extensivo de criação e contato com aves de criações vizinhas, aliada ao inadequado manejo sanitário.

Instalações que possibilitam o acesso a alimento e água atrai aves de vida livre, promovendo o contato com as aves domésticas, e é destacado a preocupação quanto ao potencial de transmissão de doenças, conforme concluíram Ayala *et al.* (2022). O contato com aves silvestres é considerado um dos principais fatores que contribuem para a transmissão de doenças, juntamente com comércio de aves vivas em mercados locais e feiras livres (Brasil, 2022; Fagrach *et al.*, 2023).

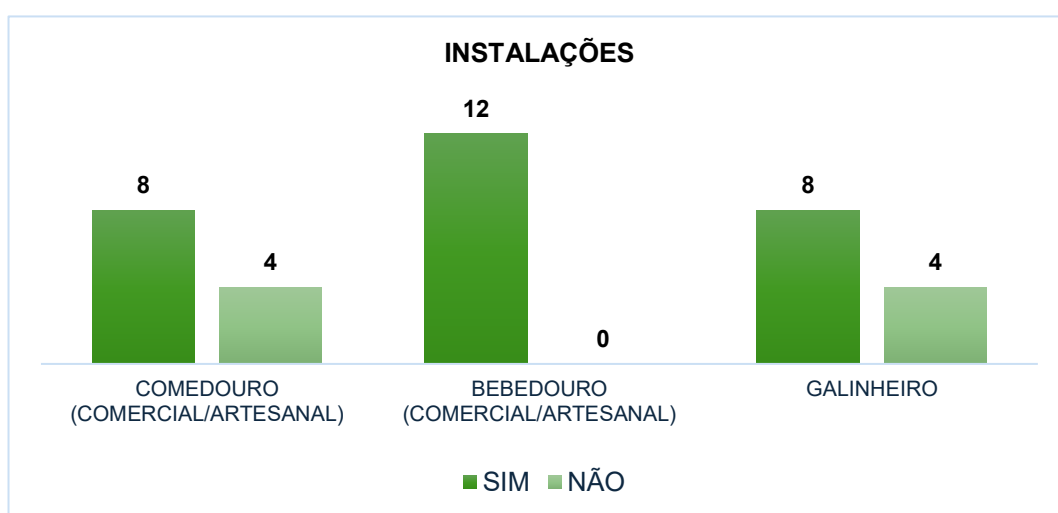
Quanto a alimentação das aves, corroborando com o relatado por Araujo (2017), Rocha *et al.* (2016) e Silva *et al.* (2018), 100% dos respondentes do presente estudo afirmaram ter mais de uma fonte de alimentação para as aves, o que inclui ração comercial ou milho, sobras de alimentos e/ou resíduos da produção vegetal da propriedade e pastagem. Alguns criadores demonstraram ter consciência de que a alimentação influi no ganho de peso das aves e que as mesmas, com melhor alimentação, teriam melhor desempenho.

Silva *et al.* (2018) relataram a oferta de sobras de alimentos, farelo de milho, e cascas e aparas de mandioca, dentre outros, salientando que a alimentação ocorre sem orientação quanto ao balanceamento desses itens. Batista (2018) explica que o manejo alimentar impacta na performance produtiva das aves. O autor, ao fazer análises bromatológicas dos alimentos e rações fornecidos a aves de criação caipira, verificou que as aves não tinham suas necessidades nutricionais atendidas, encontrando uma associação com problemas de empenamento das aves.

Quanto às instalações (Figura 4), 67% dos criadores afirmaram utilizar algum utensílio (comercial ou artesanal) como comedouro para fornecer alimento. Este resultado se diferencia do encontrado por Rocha *et al.* (2016), que a porcentagem dos que afirmaram utilizar algum utensílio como comedouro, foi de 48,21%. Quanto ao

fornecimento de água, 100% dos respondentes afirmaram ter bebedouros (comerciais ou artesanais) como fonte de água para as aves. Na observação direta constatou-se que grande parte opta pelo uso de utensílios reaproveitados, a exemplo de panelas, galões e pneus, que apresentam maiores dificuldades para higienização. Semelhantemente ao descrito por Araujo (2017), também se observou a prática de oferecer alguns tipos de alimento diretamente no solo, tais como resíduos vegetais. A autora discorreu sobre a importância do fornecimento da alimentação em locais apropriados na saúde das aves.

Figura 4 – Instalações quanto ao uso de utensílios e abrigo.



Fonte: Dados do autor, 2024.

Abrigos são importantes para o bem-estar, sanidade e produtividade das aves. O abrigo pode reduzir perdas por proteger os animais das variações climáticas e predadores, assim como facilita o manejo geral (Sonkar *et al.*, 2020). No estudo de Araujo (2017), apenas 12,5% dos criadores tinham galinheiros, 87,5% criavam as aves sem abrigos próprios. No presente estudo, cerca de 67% (08) declararam ter galinheiros em suas propriedades (Figura 4). Na observação direta das propriedades constatou-se que nas propriedades que tinham abrigos para as aves, esses não eram adequados para o bem-estar e segurança, além de conferir dificuldade para adequada higienização, cenário similar ao observado por Rocha *et al.* (2016) e Silva *et al.* (2018).

Foi relato por alguns criadores o uso das fezes e resíduos dos galinheiros diretamente na terra, como adubo orgânico. Os resíduos frescos têm umidade alta, proteínas e

microrganismos, dentre outros compostos, sendo importante a escolha do meio de aproveitamento desses resíduos (Aravinth; Prakash, 2015). Nesse contexto, Valadão *et al.* (2011) atestaram os benefícios físicos, químicos e biológicos para o solo do uso de cama de aviário como adubo orgânico, dando destaque para o processo de compostagem desse resíduo para melhor aproveitamento desses benefícios em comparação ao uso direto (cru) no solo.

Uma das causas para baixa performance produtiva de aves são as doenças que acometem as mesmas, e a taxa de mortalidade pode ser alta em algumas propriedades, ou até mesmo ser a principal causa de mortalidade em uma criação, como concluíram Addis, Tadesse e Mekuriaw (2014). Estudos que evidenciam os índices de doenças nessas criações expõem as lacunas no manejo sanitário, a citar a falta de vacinação, de vermifugação e limpeza e desinfecção de instalações (Addis; Tadesse; Mekuriaw, 2014; Gonçalves *et al.*, 2014; Silva *et al.*, 2018). No estudo, como se observa na Tabela 6, ao serem questionados quanto a ocorrência de doenças na criação, 100% dos respondentes afirmaram ter tido ou ter casos de aves doentes na criação.

Tabela 6 – Ocorrência de doenças, frequência e prática de separação de aves doentes.

VARIÁVEIS		N	%
Doenças	Sim	12	100
	Não	-	-
Frequência	Com frequência	03	25
	Raramente	09	75
Separação aves doentes	Sim	09	75
	Não	03	25

Fonte: Dados do autor, 2024.

Neste sentido, o trabalho de Fagrach *et al.* (2023), ao estimar a soroprevalência de patógenos (bacterianos e virais) de aves de criação de quintal não vacinadas, aparentemente saudáveis, abatidas em abatedouros, obtiveram amostras positivas para todos patógenos pesquisados. A soropositividade das aves do estudo revelou a exposição natural das aves aos agentes pesquisados. Também evidenciou que aves empiricamente saudáveis podem ser expostas a agentes patogênicos, e não desenvolver sintomatologia clínica, apresentando quadro subclínico de uma doença.

As aves acometidas podem atuar como potenciais agentes transmissores, expondo animais susceptíveis, e até mesmo o homem. Adicionalmente, Batista (2018) alerta que aves com quadro subclínico, apesar da baixa morbidade e mortalidade, podem ficar predispostas a outras infecções ou doenças.

Ao serem questionados quanto a frequência de doenças na criação (Tabela 6), 75% consideravam não ser frequente. E 75% (9) afirmaram ter a prática de fazer a separação de aves doentes na criação. Amajo *et al.* (2022), encontraram associação estatisticamente significativa entre a prática de separar de aves doentes e ocorrência de mortes na criação. Para os autores a não separação de aves doentes incorre em transmissão contínua de patógenos entre os animais.

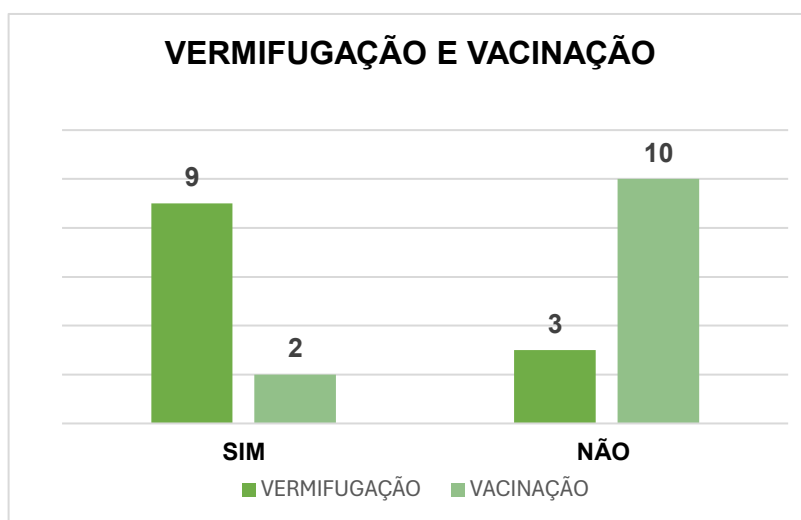
No que diz respeito ao tratamento de aves doentes, 92% dos criadores afirmaram utilizar medicamentos (sintéticos) para tratar aves doentes, sem prescrição ou orientação de profissional da saúde animal, e alguns criadores relataram o insucesso dos tratamentos realizados. Assemelha-se ao relatado na pesquisa realizada por Rimi *et al.* (2018), onde a maioria dos criadores adquiriam antibióticos para tratar aves. O uso irracional de medicamentos representa um risco não só a saúde animal como a humana, adentrando no âmbito da saúde pública. Tal fato pode ser observado em estudo conduzido por Santos-Ferreira, Ferreira e Teixeira (2022), onde foi reportado que carnes de frango podem ser um veículo importante de agentes resistentes a antimicrobianos.

No trabalho de Rimi *et al.* (2018), foi observado que 14% dos criadores do estudo se utilizavam apenas de plantas medicinais para tratar suas aves, a exemplo do uso de cebola, alho, pimenta e gengibre. No presente estudo, 75% dos criadores mencionaram fazer uso de plantas medicinais para tratar aves doentes, como uso de limão e alho. O uso de plantas medicinais para tratamento e/ou prevenção de doenças em animais está tradicionalmente inserido no meio rural. O uso pode auxiliar na prevenção ou tratamento de doenças, tendo como vantagens a acessibilidade e o baixo custo. Além disso, a prática resgata saberes populares, contribuindo para sustentabilidade, e devendo ser promovido o uso sustentável e racional (Silva *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2020).

No presente estudo, a principal fonte de orientação adotada pelos criadores, quando há aves doentes na criação, são as casas agropecuárias, chamadas também, dentre outros termos, de “casa do fazendeiro”, com 92% (11/12) dos respondentes afirmando ter esses estabelecimentos como fonte de orientação e aquisição de produtos. Nenhum dos 12 respondentes recorrem a serviços veterinários ou a técnicos agropecuários. Os dados corroboram com os resultados de Rimi *et al.* (2018), em Bangladesh, que buscou identificar as fontes de informações e atendimento para aves doentes buscadas por criadores de galinhas de subsistência, constatando que 86% dos criadores buscavam orientação ou atendimento nos estabelecimentos agropecuários locais.

A pesquisa de Rocha *et al.* (2016), em Goiás, constataram que apenas 8,92% dos criadores recebiam orientação técnica. Nessas propriedades apenas 37,5% adotavam a vacinação, e eram altos os índices de doenças na criação, 64,28%. No trabalho de Amajo *et al.* (2022), nenhum dos criadores vacinavam as aves. Araujo (2017) obteve uma porcentagem de 75% de criadores que não adotavam vacinação. No presente estudo, 83% (10) dos respondentes não faziam a vacinação das aves (Figura 5).

Figura 5 – Quanto a adoção de vermifugação e vacinação.



Fonte: Dados do autor, 2024.

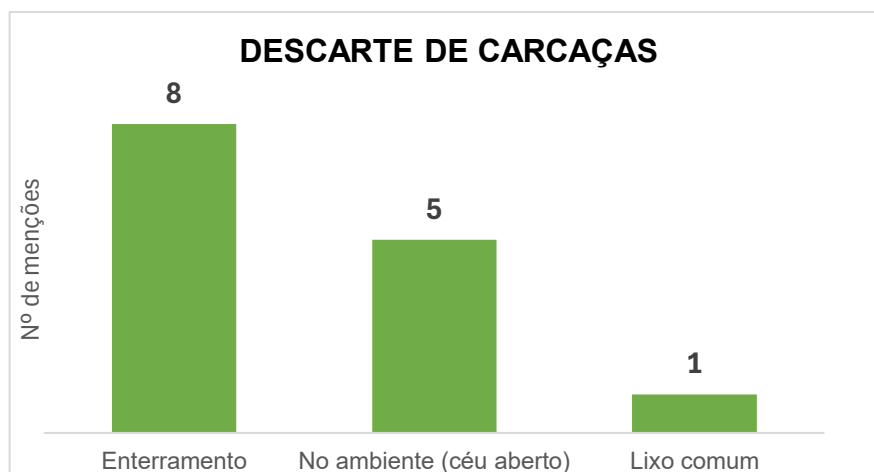
Adicionalmente, nesse estudo, houve relatos sobre a compra de aves vacinadas, mas não seguiam nenhum protocolo vacinal após a compra. Foi observado também um desconhecimento sobre vacinação em aves domésticas e/ou sobre os tipos de

vacinas disponíveis, corroborando com relatado por Silva *et al.* (2018). Segundo Fentie *et al.* (2014), os índices de enfermidades podem ser reduzidos adotando-se protocolos vacinais em conjunto com a implementação de práticas sanitárias. E além da adoção da vacinação, Addis, Tadesse e Mekuriaw (2014) fazem o alerta para a importância do conhecimento técnico para o manejo adequado da vacina, a fim de reduzir riscos de falhas na imunização.

Quanto a adoção de vermifugação, 75% (9) dos criadores afirmaram fazer uso de vermífugo na criação (Figura 5). As endoparasitoses comprometem a eficiência produtiva das aves, bem como a morte ocasional desses animais, um prejuízo sobre os índices zootécnicos, e consequentemente sobre a rentabilidade do criador, estando associadas as condições precárias de higiene e falta de vermifugação (Santos *et al.*, 2021). Também, a prevalência de endoparasitos tem associação com o sistema de criação adotado, tendo a criação extensiva ou de quintal, quando comparada ao sistema intensivo e semi-intensivo, a maior prevalência (Katoch *et al.*, 2012; Feitosa *et al.*, 2021). Katoch *et al.* (2012) demonstraram que a vermifugação diminui carga parasitária e melhora ganho de peso das aves.

Estudos evidenciam que o descarte inadequado de aves mortas pode causar a disseminação de patógenos e problemas de poluição do ambiente (Aravinth; Prakash, 2015). Addis, Tadesse e Mekuriaw (2014), ao analisar causas de morte de aves de pequenas criações, notaram que mais de 90% dos criadores experienciavam altos índices de mortalidade em suas criações. Mais de 80% dos criadores de aves de quintal faziam o descarte de aves mortas de maneira inadequada. No presente estudo, sobre os meios de descarte de aves mortas, o enterramento foi mencionado oito (8) vezes, descarte no ambiente (céu aberto) foi mencionado cinco (5) vezes, e descarte em lixo comum mencionado uma (1) vez (Figura 6). Para Aravinth e Prakash (2015), o enterramento é um destino viável para pequenas criações, onde não se tem condições de investir em outros métodos, devendo ser adequadamente conduzido para evitar disseminação de doenças e poluição.

Figura 6 – Meios de descarte de carcaça das aves nas criações.



Fonte: Dados de autor, 2024.

Quevedo *et al.* (2022) relataram um surto de botulismo tipo C em aves de subsistência em Santa Catarina, com histórico de alta mortalidade em um curto período, com sintomatologia neurológica. Na avaliação da propriedade, notou-se que aves mortas eram enterradas inadequadamente no mesmo ambiente de criação das aves, o que permitia as aves terem acesso as carcaças; hábito provavelmente induzido pela restrição alimentar identificada. Adicionalmente foi observado acúmulo de matéria orgânica e fornecimento de água de esgoto empoçada com resíduos alimentares as aves; fatores conhecidos como potenciais fontes da toxina botulínica na epidemiologia da doença.

O plano de vigilância para IA e DNC salienta a importância da aquisição de conhecimento acerca dessas enfermidades pela comunidade para que se tornem aptos a reconhecer e notificar casos suspeitos – vigilância passiva –, sendo aves de subsistência um público-alvo (Brasil, 2022), tornando o criador sujeito importante no alcance dos objetivos da vigilância (Bourscheid *et al.*, 2016).

DNC e IA apresentam alta mortalidade para as aves domésticas, podendo ocasionar morte súbita, sem manifestação de sinais clínicos de doença, ou dentre outros quadros, apresentar sinais respiratórios e/ou sinais neurológicos (Brasil, 2024c). Nesse contexto, nesse estudo, ao serem questionados se conheciam IA e DNC, 58% (7) dos respondentes disseram já ter ouvido falar apenas de IA. Desses, a totalidade,

100%, mencionaram Rádio/TV como um canal de informação. Ao serem indagados se conheciam o órgão de defesa agropecuária do estado, 50% (6) afirmaram não conhecer.

Sobre assistência e acompanhamento técnico para a criação de animais, 100% (12) dos agricultores participantes do estudo afirmaram nunca terem possuído assistência voltada para a criação de animais. Ezeibe *et al.* (2014), Santana e Freitas (2017) e Fagrach *et al.* (2024) concluíram que produtores que recebem orientações desenvolvem interesse em aprimorar sua criação, pois através desses, os criadores adquirem conhecimento sobre novas técnicas de produção e de manejo.

Iniciativas públicas e privadas, por meio de serviços de extensão e apoio técnico, se tornam importantes aliados nesse processo de transmissão de conhecimento (Santana; Freitas, 2017), promovendo o aprimoramento da produção nas propriedades, seja para o autoconsumo (Grigol *et al.*, 2022; Leite; Censi, 2022) ou geração de renda, fortalecendo a agricultura familiar (Meira, 2024).

A extensão rural utiliza estratégias de educação não-formal, e promove o treinamento e exposição dos agricultores a novas práticas agrícolas (Oduro-Ofori; Aboagye; Acquaye, 2014). Têm impacto positivo sobre adoção de novas práticas de manejo, e consequentemente, sobre produtividade (Anang; Bäckman; Sipiläinen, 2020; Evaldt *et al.*, 2024). E neste sentido, a escolha da linguagem e das ferramentas de diálogo no processo de transmissão de conhecimento é imprescindível na comunicação com o produtor rural (Silva, 2014). Para Fagrach *et al.* (2024), em ações de intervenção, é importante a adaptação dos materiais usados ao público-alvo, buscando junto aos produtores alternativas condizentes com a realidade deles, resultando em maior eficiência das estratégias, por conseguinte, na sensibilização e aquisição de conhecimento sobre a saúde e manejo dos animais.

Evaldt *et al.* (2024) buscando compreender e atender as demandas de agricultores familiares, por meio da educação popular, desenvolveram uma cartilha voltada para boas práticas de manejo na criação de aves de postura baseado na prévia identificação das demandas do público-alvo. Os autores destacam a importância do diálogo com os agricultores, combinando os saberes locais com o conhecimento técnico-científico. Santana e Freitas (2017), com objetivo de orientar e incentivar

agricultores familiares sobre a criação de frango caipira, desenvolveram cartilha e instalaram uma unidade didática de criação. Segundo os autores, os criadores demonstraram interesse em melhorar a atividade, mas encontram entraves como a escassez de apoio técnico.

6 CONCLUSÃO

Concluiu-se que a atividade de criar aves é uma prática tradicional entre famílias da agricultura familiar, sendo *Gallus gallus domesticus* uma espécie que se destaca, dentre outros animais de produção. A atividade fortalece a segurança alimentar, através do autoconsumo, e gera ganho adicional, mediante a venda de aves e/ou seus subprodutos. Apesar da biossegurança se destacar como um dos pilares fundamentais da avicultura industrial, há de se voltar a atenção para as pequenas criações, nas quais, práticas de manejo sanitário não são adotadas e promovidas amplamente, vide a baixa adoção de vacinação, instalações impróprias, inadequado manejo de aves doentes e de resíduos. O que expõe as aves a doenças, com reflexos na saúde e na produtividade. Ainda há carência de apoio técnico para pequenos produtores, com o recorte para a criação de aves domésticas, o que denota a demanda de ações com este público, estimulando o desenvolvimento produtivo da atividade, podendo esta participar da diversificação de renda do produtor, assim como promover a coparticipação destes em ações de saúde animal. Sugere-se que ações de apoio técnico incluam a análise da importância da atividade para o pequeno produtor e das possibilidades dessa atividade.

REFERÊNCIAS

ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório Anual 2025**. São Paulo: ABPA, 2025. Disponível em: <https://abpa-br.org/abpa-relatorio-anual/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

ADAB – AGÊNCIA ESTADUAL DE DEFESA AGROPECUÁRIA DA BAHIA. **Granjas avícolas registradas – Bahia**. 2024. Disponível em: <http://www.adab.ba.gov.br/wp-content/uploads/GRANJAS-AVICOLAS-REGISTRADAS-BAHIA.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

ADDIS, B.; TADESSE, D.; MEKURIAW, S. Study on major causes of chicken mortality and associated risk factors in Bahir Dar Zuria District, Ethiopia. **African Journal of Agricultural Research**, v. 9, n. 48, p. 3465-3472, 2014.

ALMEIDA, A. A.; VALENTIM, J. K.; JANELLA, J.; MENDES, J. P. Caracterização dos consumidores de ovos no município de Dourados-MS. **Realização**, Dourados, v. 9, n. 17, p. 21-29, 2022.

AMAJO, M.; TESFAYE, A.; SORI, T.; NEGUSSIE, H. Seroepidemiology of infectious bursal disease in poultry reared under backyard production system in Wolaita Zone, Southern Ethiopia. **Veterinary Medicine: Research and Reports**, v. 13, p. 1-8, 2022.

ANANG, B. T.; BÄCKMAN, S.; SIPILÄINEN, T. Adoption and income effects of agricultural extension in northern Ghana. **Scientific African**, v. 7, n. 2020, p. e00219, 2020.

ARAUJO, R. M. D. **Medidas de bem-estar aplicadas em galinhas caipiras produzidas por agricultores familiares no município de Cajari - MA**. 2017. 67f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Centro de Ciências Agrárias – Universidade Estadual do Maranhão, Maranhão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/bitstream/123456789/1061/1/DEFINITIVA%20RAYANE.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ARAVINTH, A.; PRAKASH, S. Poultry waste management and dead bird disposal technique. **Paripex - Indian Journal of Research**, v. 4, n. 12, p. 152-153, 2015.

AYALA, A. J.; HAAS, L. K.; WILLIAMS, B. M.; FINK, S. S.; YABSLEY, M. J.; HERNANDEZ, S. M. Risky business in Georgia's wild birds: contact rates between wild birds and backyard chickens is influenced by supplemental feed. **Epidemiology and Infection**, v. 150, p. 1-9, 2022.

BAHIATER – SUPERINTENDÊNCIA BAIANA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. **Territórios de Identidade**, 2017. Disponível em: <https://www.bahiater.sdr.ba.gov.br/servicos/territorios-de-identidade>. Acesso em: 28 set. 2024.

BATISTA, I. A. **Análise epidemiológica da soroprevalência da bronquite infecciosa e metapneumvírus aviário e qualidade das rações fornecidas à galinhas caipiras de pequenas propriedades do município de Uberlândia-MG.** 2018. 43f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/23847/3/AnaliseEpidemiologicaSoroprevalencia.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2024.

BOURSCHEID, C. L. P. R.; MUTZENBERG, E. R.; NEGREIROS, R. L.; SILVA, R. R. P.; NÉSPOLI, J. M. B.; MOREIRA, R. B. Ação do Serviço Veterinário Oficial (SVO) às notificações de mortalidade em aves, em Mato Grosso (MT), entre os anos de 2012 à 2014. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 79-80, 2016.

BRASIL. **Instrução Normativa nº 56, de 04 de dezembro de 2007.** Estabelece os Procedimentos para Registro, Fiscalização e Controle de Estabelecimentos Avícolas de Reprodução e Comerciais. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 11, Brasília, 06 dez. 2007.

_____. **Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017.** Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 maio 2017. Seção 1, p. 11.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA). **Plano de vigilância de Influenza Aviária e Doença de Newcastle.** 2022. 65p. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/pnsa/PlanodevigilncialADNC_06_07_2022.pdf. Acesso em: 28 jun. 2024.

_____. **Portaria n.º 587, de 22 de maio de 2023.** Declara estado de emergência zoossanitária em todo o território nacional, por 180 dias, em função da detecção da infecção pelo vírus da influenza aviária H5N1 de alta patogenicidade (IAAP) em aves silvestres no Brasil. Diário Oficial da União, Seção 1, p.1, Brasília, 22 maio 2023.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Brasil suspende preventivamente as exportações de carne de aves e seus produtos.** 19 jul. 2024a. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/brasil-suspende-preventivamente-as-exportacoes-de-carne-de-aves-e-seus-produtos>. Acesso em: 24 jul. 2024.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Mapa declara fim do período de emergência zoossanitária para a doença de Newcastle no Rio Grande do Sul.** 06 ago. 2024b. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mapa-declara-fim-do-periodo-de-emergencia-zoossanitaria-para-a-doenca-de-newcastle-no-rio-grande-do-sul-1>. Acesso em: 29 set. 2024.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Sistema Brasileiro de Vigilância e Emergências Veterinárias (e-SISBRAVET).** 2024c. Disponível em:

https://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/fichas_tecnicas/ficha_tecnica.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Ministério da Agricultura e Pecuária confirma primeiro foco de gripe aviária em granja comercial no Brasil**. 16 maio 2025a. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-agricultura-e-pecuaria%20-confirma-primeiro-foco-de-gripe-aviaria-em-granja-comercial-no-brasil>. Acesso em: 22 maio 2025.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Gripe aviária: atualização sobre a suspensão de exportações**. 10 jun. 2025b. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/gripe-aviaria-mexico-reduz-ao-rio-grande-do-sul-restricoes-a-carne-de-frango-brasileira>. Acesso em: 13 jun. 2025.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP)**. 12 jun. 2025c. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>. Acesso em: 16 jun. 2025.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Brasil comunica à OMSA o fim do vazio sanitário e se autodeclara livre da gripe aviária**. 18 jun. 2025d. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/brasil-comunica-a-omsa-o-fim-do-vazio-sanitario-e-se-autodeclara-livre-da-gripe-aviaria>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CAMPOS, F. L.; BORGES FORTES, F. B.; SOARES, D. H.; MORAES, R. C.; LOUREIRO, F. C.; AMARAL, T. R. Diagnóstico educativo sobre biossegurança e bem-estar animal voltados à avicultura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 14, n. 2, p. 77-77, 2016.

CARMO, M. S. **O potencial dos quintais produtivos numa comunidade quilombola no Território do Recôncavo da Bahia**. 2018. 72f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Tecnologia em Agroecologia) – Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2018. Disponível em: <https://ri.ufrb.edu.br/handle/123456789/1847>. Acesso em: 03 out. 2024.

CISCO, I. C.; TEDESCO, D.; PERDONCINI, G.; SANTOS, S. P.; RODRIGUES, L. B.; SANTOS, L. R. *Campylobacter jejuni* e *Campylobacter coli* em carcaças de frango resfriadas e congeladas. **Ciência Animal Brasileira**, v. 18, p. 1-6, 23 out. 2017.

CÔRTEZ, J. A. Vigilância epidemiológica como instrumento essencial para a sanidade animal e a saúde pública. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 5, n. 1, p. 109-123, 2002.

DUARTE, S. C.; FERREIRA, F. Estratégias para o monitoramento de biossegurança em granjas avícolas comerciais: prevenção em 3 dimensões. **Avicultura Industrial**, Itu, ed. 1307, ano 112, n. 3, p. 18-23, 2021.

EL-TRAS, W. F.; HOLT, H. R.; TAYEL, A.A.; EL-KADY, N. N. *Campylobacter* infections in children exposed to infected backyard poultry in Egypt. **Epidemiology**

and Infection, v. 143, n. 2, p. 308-315, 2014.

EVALDT, N.; OLIVEIRA, D.; PONTES, A.; MENDES, A.; LIMA, B.; STUMPF, M. T. Educação popular como ferramenta para a extensão rural agroecológica: relato de caso na produção familiar de aves de postura. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024.

EZEIBE, A. B. C.; OKORJI, E. C.; CHAH, J. M; ABUDEI, R. N. Impact of entrepreneurship training on rural poultry farmers adoption of improved management practices in Enugu State, Nigeria. **African Journal of Agricultural Research**, v. 9, n. 20, p. 1604-1609, 2014.

FAGRACH, A.; ARBANI, O.; KARROUTE, O.; EL-FTOUHY, F. Z.; KICHOU, F.; BOUSLIKHANE, M.; FELLAHI, S. Prevalence of major infectious diseases in backyard chickens from rural markets in Morocco. **Veterinary World**, v. 16, n. 9, p. 1897-1906, 2023.

FAGRACH, A.; CHALLIOUI, M. K.; ZIRANI, I. E.; IMGHI, A.; KARROUTE, O.; KICHOU, F.; FELLAHI, S.; BOUSLIKHANE, M. Improving backyard poultry husbandry and addressing avian disease risks through information and communication interventions in resource-poor communities in Morocco. **International Journal of Agricultural Extension**, v. 11, n. 3, p. 293-305, 2024.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. Emergency Centre for Transboundary Animal Diseases (ECTAD). **Biosecurity**. Roma: FAO, 2010. Disponível em: <https://www.fao.org/3/ak722e/ak722e00.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

_____. **Family poultry development: Issues, opportunities, and constraints**. Roma, FAO, 2014. Disponível em: <https://www.fao.org/3/i3595e/i3595e.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

_____. One Health. **Biosecurity**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.fao.org/one-health/areas-of-work/biosecurity/en>. Acesso em: 03 set. 2024.

FEITOSA, L. M. C.; PINTO, P. W. C.; SILVA, E. C.; ARAÚJO, L. R. S. Helminthoses em aves (*Gallus gallus*) sob diferentes sistemas de produção. **Revista Brasileira Multidisciplinar (REBRAM)**, Araraquara, v. 3, n. 24, p. 244-253, 2021.

FENTIE, T.; DADI, K.; KASSA, T.; SAHLE, M.; CATTOLI, G. Effect of vaccination on transmission characteristics of highly virulent Newcastle disease virus in experimentally infected chickens. **Avian Pathology**, v. 43, n. 5, p. 420-426, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, F. P.; LIMA, V. C.; FERNANDES, L.; EMILIO, P. Avaliação soroepidemiológica da doença de Newcastle em criações de galinhas de quintal, próximas e distantes de granjas industriais no estado da Bahia. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 63, 2014.

GONZÁLEZ-FÉLIX, G. K.; GUEVARA, V. M.; PEINADO-GUEVARA, H. J.; CUADRAS-BERRELLEZA, A. A.; HERRERA-BARRIENTOS, J.; LÓPEZ-LÓPEZ, J. J.; GUADALUPE, Z. N. Backyard agricultural and farm activity as an option of socioeconomic and food improvement in the rural towns of the municipality of Guasave, Sinaloa. **Sustainability**, v. 13, n. 7, p. 3606, 2021.

GRIGOL, N. S.; MOLINA, S. M. G.; SANT'ANA, G. C.; GARAVELLO, M. E. P. E. Produção para autoconsumo e segurança alimentar entre assentados rurais do Alto Xingu, Mato Grosso, Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, n. 2, p. e233195, 2022.

HAILE, B.; FENTIE, T.; KASSA, T. The role of live chicken markets as a source of replication and dissemination of Newcastle disease virus in chickens, northwest Ethiopia. **Poultry Science**, v. 99, n. 11, p. 5415-5421, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**. 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

_____. **Cidades**. 2022a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 set. 2024.

_____. **Censo Demográfico 2022**. 2022b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/universo-populacao-e-domicilios-situacao-urbana-ou-rural>. Acesso em: 15 nov. 2024.

_____. Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA). **Pesquisa da Pecuária Municipal**. 2023a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2023>. Acesso em: 22 set. 2024.

_____. Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA). **Produção Agrícola Municipal**. 2023b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 27 out. 2024

_____. **Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA)**. 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

JALFIM, F. T.; CAPOREAL, F.R. Pesquisa participativa sobre a importância socioeconômica, cultural e ecológica dos sistemas tradicionais de criação de galinhas no Semiárido brasileiro. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 11, n. 4, p. 367-377, 2016.

KATOCH, R.; YADAV, A.; GODARA, R.; KHAJURIA, J. K.; BORKATAKI, S.; SODHI, S. S. Prevalence and impact of gastrointestinal helminths on body weight gain in backyard chickens in subtropical and humid zone of Jammu, India. **Journal of Parasitic Diseases**, v. 36, n. 1, p. 49-52, 2012.

LAGATTA, L.; GAMEIRO, A. H. Costs of biosecurity measures in Brazilian laying hens' farms in response to policies against Avian Influenza, Newcastle Disease and Salmonellosis. **Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal**, v. 18, n. 2, p. 231-238, 2017.

LEITE, J.; CENSI, A. S. O autoconsumo na agricultura familiar: o caso de Lajeado do Bugre -RS. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, Viçosa, v. 10, n. 2, p. 79-101, 2022.

LISBOA, A. S.; ALCANTARA, F. V. O associativismo rural como estratégia de desenvolvimento para a agricultura familiar. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 17-28, 2019.

MADUKA, C. V.; IGBOKWE, I. O.; ATSANDA, N. N. Appraisal of chicken production with associated biosecurity practices in commercial poultry farms located in Jos, Nigeria. **Scientifica**, v. 2016, n.1, p. 1914692, 2016.

MEIRA, K. Bahia celebra o dia do ovo com produção recorde e apoio da agricultura familiar. **Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional**, 11 out. 2024. Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/noticias/bahia-celebra-o-dia-do-ovo-com-producao-recorde-e-apoio-da-agricultura-familiar>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ODURO-OFORI, E.; ABOAGYE, A. P.; ACQUAYE, N. A. E. Effects of education on the agricultural productivity of farmers in the Offinso municipality. **International Journal of Development Research**, v. 4, n. 9, p. 1951-1960, 2014.

PESSOA, R. M. S.; COSTA, D. C. C. C.; SILVA, A. A. F.; ARAÚJO, C. A.; GOIS, G. C. Caracterização do consumidor de carne de frango e de ovos de aves de granja pela população do município de Olho D'Água/PB, Brasil. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 3, p. 2152-2164, 2020.

PINTO, S. C.; ALEIXO, J.; CAMELA, K.; CHILUNDO, A. G.; BILA, C. G. Seroprevalence of infectious bronchitis virus and avian reovirus in free backyard chickens. **Onderstepoort Journal of Veterinary Research**, v. 89, n. 1, p. 1-4, 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MURITIBA. Disponível em: <https://www.muritiba.ba.gov.br/>. Acesso em: 06 set. 2024.

PRETO, G. D.; COUTO, K. F.; PAULO, J. B.; COSCIA, B.O.; GERMANO, L. F. L.; GIMENEZ, P. H. M.; PEÇANHA, L. C. N. Impacto do aumento do preço da carne vermelha: comportamentos e percepções das famílias brasileiras durante a pandemia da covid-19. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAIS EM ADMINISTRAÇÃO - EMPRAD, 2021, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2021.

QUEVEDO, L. S.; SCHMITT, S. E.; WITHOEFT, J. A.; CRISTO, T. G.; FIGUEIREDO, C. A.; SANTANA, J. A.; SILVA, R. O. S.; CASAGRANDE, R. A. Outbreak of type C botulism in backyard poultry in Santa Catarina, Brazil. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 50, p. 1-6, 2022.

RAUBER, R. H. Avian influenza and the Brazilian poultry production: current situation and prevention strategies. **German Journal of Veterinary Research**, v. 3, n. 4, p. 13-19, 2023.

RIMI, N. A.; SULTANA, R.; ISHTIAK-AHMED, K.; HAIDER, N.; AZZIZ-

BAUMGARTNER, E.; NAHAR, N.; LUBY, S. P. Where backyard poultry raisers seek care for sick poultry: implications for avian influenza prevention in Bangladesh. **Bmc Public Health**, v. 18, n. 1, p. 969, 2018.

ROCHA, L. O.; OLIVEIRA, R. M.; HELLMEISTER FILHO, P.; GOMES, N. A.; CARNEIRO, M. F.; SILVA, O. M.; FERNANDES, L. C. Diagnóstico participativo/rural aplicado à criação de aves e suínos caipiras em regiões periurbanas no município de Senador Canedo (GO). **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 5, n. 2, p. 135-152, 2016.

SANTANA, M. B.; FREITAS, S. F. Criação de frango caipira como alternativa para complementar a renda de pequenos produtores da BR 432. In: VI FÓRUM DE INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DO IFRR, 6, 2017, Amajari, RR. **Resumos ...**, Roraima: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, 2017.

SANTIN, R.; LACERDA, T. Ovos: entre percalços, caminho para recordes. **Revista Avicultura Industrial**, Itu, ed. 1337, ano 115, n. 7, p. 48-49, 2024.

SANTOS, M. W. C.; CONCEIÇÃO, M. S.; SANTOS, F.; ALMEIDA, J. C.; SOUTO, E. P. F.; MACÊDO, I. L.; GALIZA, G. J. N.; FRADE, M. T. S. Surto de endoparasitose em galinhas caipiras (*Gallus gallus domesticus*) na Bahia, Brasil. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 49, n. 667, p. 1-6, 2021.

SANTOS-FERREIRA, N.; FERREIRA, V.; TEIXEIRA, P. Occurrence and multidrug resistance of *Campylobacter* in chicken meat from different production systems. **Foods**, v. 11, n. 13, p. 1827, 2022.

SEI – SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Território de Identidade Recôncavo**, 2024. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/reconcavo.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

SILVA, A.W.L. Identificando e superando dificuldades na relação cognitiva entre técnico e produtor rural: uma abordagem baseada na “biologia do conhecer”. **Revista Extensão Rural**, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria – RS, v. 20, n. 1, p. 37-55, 2014.

SILVA, N. S. **Circuitos curtos de comercialização: uma análise de grupos de agricultores familiares do município de Cruz das Almas – Bahia**. 2019. 47f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Tecnologia em Agroecologia) – Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2019. Disponível em: <https://ri.ufrb.edu.br/browse?type=author&value=Silva%2C+Naiane+dos+Santos+da>. Acesso em: 09 jul. 2024.

SILVA, M. H. A.; QUEIROZ, B. M. S.; SOUZA, P. N.; AMORIM, J. B. B.; BRITO, M. S., SOARES, A. R. S. Caracterização do sistema de criação de galinhas caipiras em quintais produtivos de Caiçarinha da Penha, Serra Talhada, PE. In: XXVI SEMANA DE ZOOTECNIA DE UFRPE, Recife - PE, 26, 2018, Recife, PE. **Anais...**, Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018.

SILVA, J. G.; JERÔNIMO, R. E.; ZEFERINO, R. Q.; AZEVEDO, C. F. A agricultura familiar e a etnoveterinária: estudo sobre o tratamento animal com base em plantas medicinais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

SONKAR, N.; SINGH, N.; SANTRA, A.K.; VERMA, L. P.; SONI, A. Backyard poultry farming: a source of livelihood and food security in rural India. **The Pharma Innovation Journal**, v. 9, p. 28-32, 2020.

SOUZA, S. V.; GANDRA, E. R. S.; REIS NETO, J. F.; GARCIA, R. G. Fatores críticos de sucesso na produção de frango de corte a partir da percepção do produtor integrado da região da Grande Dourados/MS. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 3, p. e226679, 2021.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Foreign Agricultural Service. **Livestock and Poultry: World Markets and Trade**, 2023. Disponível em: https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda-esmis/files/73666448x/zs25zt652/6395xr88c/livestock_poultry.pdf. Acesso: 16 nov. 2023.

_____. Foreign Agricultural Service. **Livestock and Poultry: World Markets and Trade**, 2024. Disponível em: https://downloads.usda.library.cornell.edu/usda-esmis/files/73666448x/0r968x08f/f7625569n/Livestock_poultry.pdf. Acesso: 09 nov. 2024.

VALADÃO, F. C. A.; MAAS, K. D. B.; WEBER, O. L. S.; VALADÃO JÚNIOR, D. D.; SILVA, T. J. Variação nos atributos do solo em sistemas de manejo com adição de cama de frango. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Viçosa, MG, v. 35, n. 22, p. 2073-2082, 2011.

VASCONCELOS, M. C.; SILVA, C.L.; MEZA, M. L. F.G.; BASSI, N. S. S. Trajetória tecnológica da cadeia produtiva do frango de corte no Brasil. **Iniciação Científica Cesumar**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 15-27, 2015.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Nº (participante):

Sexo: F ☐ M ☐

Idade do(a) entrevistado (a):

Cidade:

Bairro ()/Comunidade ():

Data da entrevista:

Entrevistador (a):

I. Perfil do (a) produtor (a):

1. Escolaridade do (a) participante:

- ☐ Sem instrução formal ☐ Ensino Médio Completo
☐ Ensino Fundamental Incompleto ☐ Ensino Superior Incompleto
☐ Ensino Fundamental Completo ☐ Ensino Superior Completo
☐ Ensino Médio Incompleto

2. Participação em afiliações (ex. sindicato, cooperativa, associação etc.) ☐ SIM ☐ NÃO

3. Tem produção vegetal na propriedade: ☐ SIM ☐ NÃO

3.1 Em caso afirmativo, o que produz?

II PERFIL DA CRIAÇÃO DE GALINHAS

4. Há quanto tempo cria os animais:

- ☐ Até 03 anos ☐ Entre 03 e 10 anos ☐ Mais de 10 anos
 4.1 Qual destino da criação? ☐ Consumo ☐ Venda ☐ Consumo e venda

4.2 Em caso de venda, qual importância na renda familiar?

- ☐ Muita importância ☐ Pouca ☐ Nenhuma

5. Além das galinhas, cria outros animais? ☐ SIM ☐ NÃO

5.1 Em caso afirmativo, qual (ais) animal (ais)?

- ☐ Outras aves ☐ Suíno ☐ Caprino/ovino ☐ Bovino ☐ Equino ☐ Pets ☐ Outros:

6. Número de animais (aves):

- ☐ Até 10 animais ☐ Até 20 animais ☐ Até 40 animais ☐ Mais de 40 animais

7. Qual origem dos animais:

- ☐ Própria criação (incubadora ou não) ☐ Terceiros/conhecidos
☐ Loja agropecuária e afins ☐ Própria criação + Terceiros + Lojas agropecuária

8. Sobre o ganho peso das aves, está satisfeito(a)? ☐ SIM ☐ NÃO

9. Sobre a postura de ovos, está satisfeito(a)? ☐ SIM ☐ NÃO

10. Ainda compra carne de frango/ovo de granja (mercado)? ☐ SIM ☐ NÃO

III. SISTEMA DE CRIAÇÃO E INSTALAÇÕES

11. Como cria as aves (sistema de criação):

☐ Soltas (Extensivo) ☐ Presas (Intensivo) ☐ Misto

12. Qual o tipo de alimentação oferecida:

☐ Ração comercial/milho ☐ Sobra de alimentos e/ou da produção vegetal
☐ Pastagem (ambiente) ☐ Todas as respostas anteriores

13. Onde é fornecimento os alimentos:

☐ Comedouro (artesanal ou comercial) ☐ Diretamente no solo ☐ Todas as respostas anteriores

13.1 Em caso de comedouro: Faz a lavagem dos comedouros? ☐ SIM ☐ NÃO

13.2. Em caso afirmativo, qual frequência:

☐ Todo dia ☐ Uma vez na semana
☐ A cada 15 dias ☐ Quando necessário

14. Qual fonte de água:

☐ Bebedouros (artesanal ou comercial) ☐ Córrego ou similares ☐ Outro:

14.1 Em caso de bebedouros: Faz a lavagem dos bebedouros? ☐ SIM ☐ NÃO

14.2 Em caso afirmativo, qual frequência:

☐ Todo dia ☐ Uma vez na semana ☐ A cada 15 dias ☐ Quando necessário

14.3 Com que frequência troca a água:

☐ Quando necessário ☐ Todos os dias
☐ Uma vez na semana ☐ A cada quinze dias ou mais

15. Há galinheiro/abrigo: ☐ SIM ☐ NÃO

15.1 Faz limpeza do galinheiro? ☐ SIM ☐ NÃO

15.2 Caso afirmativo, como é feita limpeza do galinheiro?

☐ Apenas retirada de fezes ☐ Retirada fezes, aplicação de produto desinfetante

15.3. Qual frequência de limpeza?

☐ Quando necessário ☐ Todos os dias ☐ Uma vez na semana ☐ A cada quinze dias ou mais

IV. ASSISTÊNCIA TÉCNICA, PROTOCOLOS SANITÁRIOS

16. Já teve ou tem orientação técnica para criação? ☐ SIM ☐ NÃO

17. Usa medicamento para vermes: ☐ SIM ☐ NÃO

17.1 Caso negativo, qual motivo:

☐ Não conhece ☐ Não há necessidade ☐ Custos ☐ Outro

18. Já fez ou faz uso de vacinas: ☐ SIM ☐ NÃO

18.1. Caso afirmativo, qual (ais):

☐ Não sabe/Não lembra ☐ Gumboro ☐ Bouda Aviária ☐ Marek
☐ Bronquite Infecciosa ☐ Coriza Infecciosa ☐ Outro:

18.2 Caso afirmativo, quem aplicou/aplica a vacina?

☐ Vet./ Téc. Agropecuário

☐ Próprio criador/Terceiros

18.3 Caso negativo, qual motivo:

☐ Não conhece

☐ Não há necessidade

☐ Custos

☐ Outro

19. **Faz separação de aves novas na criação:**

☐ SIM

☐ NÃO

20. **Tem casos de doenças na criação:**

☐ SIM

☐ NÃO

20.1 Caso afirmativo, qual frequência:

☐ Com frequência

☐ Raro

20.2 Faz separação das aves doentes?

☐ SIM

☐ NÃO

21. **Faz tratamento das aves doentes:**

☐ SIM

☐ NÃO

21.1. Caso afirmativo: Qual fonte de atendimento ou orientação:

☐ Veterinário/Técnico Agropecuário

☐ Casa agropecuária

☐ Própria experiência ou Terceiros

☐ Outros:

21.2 Como é feito tratamento de aves doentes na criação:

☐ Medicamentos/Vitaminas

☐ Plantas medicinais

☐ Não faz tratamento

☐ Outro

22. **Já teve aves doentes com dificuldades para se movimentar?**

☐ SIM

☐ NÃO

23. **Em caso de aves mortas, como é feito o descarte da carcaça:**

☐ Lixo comum

☐ Queima

☐ No ambiente (céu aberto)

☐ Enterra

☐ Outro

24. **Observa presença de aves silvestres na propriedade:**

☐ SIM

☐ NÃO

V. SERVIÇOS OFICIAIS DE SAÚDE ANIMAL

25. **Conhece a ADAB:**

☐ SIM

☐ NÃO

25.1. Caso afirmativo, já fez contato com a ADAB:

☐ SIM

☐ NÃO

25.2 Em caso afirmativo, qual motivo?

☐ Animal doente

☐ Outro:

26. Já ouvir falar em Influenza Aviária e Newcastle:

☐ Sim

☐ Só Influenza

☐ Só Newcastle

☐ Não

26.1. Se sim, como/onde?

☐ Rádio/TV

☐ Redes sociais

☐ Terceiros

27. Já participou de eventos informativos sobre a atividade de criar galinhas?

☐ SIM

☐ NÃO